

# graciano sete

Agosto de 2011  
ISSN: 2179-1031



**DOSSIER**

por Marcel Martinuzzo

**CHÁ DAS SETE**

com Saulo Ribeiro

**XXI**

com Aline Travaglia

# sete

“um cronópio percebe que seu relógio atrasa, que seu relógio atrasa, que seu relógio” (Tristeza do cronópio). Mas não se preocupe mais. A Graciano número sete chegou. O período entre a nossa última edição e esta não foi de descanso, e sim de produção.

O cronópio Marcel Martinuzzo foi o curador do nosso Dossier, com o tema morte. Apresentamos textos de Maria Antonieta Tatagiba, Geir Campos, Marly de Oliveira, Miguel Marvilla, Waldo Motta, Caê Guimarães, Douglas Salomão, Gabriel Menotti, Fernanda Tatagiba, Carmélia Maria de Souza e Aline Travaglia. As páginas foram ilustradas por Jess Melo e Thiago Arruda, estudantes de Artes da Ufes.

Aline Travaglia, que aparece no Dossier, também é entrevistada de Livia Corbellari. A cronópio resenha o primeiro livro da autora, Poema da Destruição, lançado ano passado pela Secult. A autora fala da sua relação natural com a escrita, da poesia e do processo super pessoal de criação e edição do livro.

No Chá das Sete nosso convidado é Saulo Ribeiro. Em um longo papo, ele conta como se tornou escritor, fala das imagens de Vitória em seus livros e muitas outras coisas que você lerá logo mais. Os cronópios Leandro Reis e Sidney Spacini fazem as resenhas de Ponto Morto e Diana no Natal.

A Casa foi tomada por Tatiana Brioschi, que publica um poema. A autora, no entanto, já lançou um livro de contos, Vila Velha Mundo, em 2008.

E como não podia ser diferente, nossa valise está recheada com os textos inéditos dos Cronópios Sidney Spacini, Livia Corbellari, Lorraine Paixão, Isabella Mariano, Lucas Pinhel, Gian Luca, Manoela Albuquerque, Marcel Martinuzzo, Brunella Brunello, Nelson Aloysio, João Chagas, Guilherme Rebêlo e Raysa Calegari.

Cheia de conteúdo, é sempre uma alegria para a Graciano ficar pronta e reencontrar seu público. Ano que vem voltaremos com muitas novidades.

Obrigado pela sua leitura. Esperamos que se divirta!

*os editores*

# Literatura brasileira feita no Espírito Santo

## **GRACIANO**

Literatura brasileira feita no Espírito Santo  
Agosto de 2011. Ano II, nº 7.

## **EQUIPE EDITORIAL**

Brunella Brunello, Erly Vieira, Gian Luca, Guilherme Rebêlo, Isabella Mariano, João Chagas, Leandro Reis, Leticia Comério, Livia Corbellari, Lorraine Paixão, Lucas Pinhel, Manoela Albuquerque, Marcel Martinuzzo, Nelson Aloysio, Raysa Calegari e Sidney Spacini,

## **ORIENTADOR**

Erly Vieira Jr.

## **COLABORADORES**

Jess Melo, Thiago Arruda e Tatiana Brioschi.

## **DIAGRAMADORES**

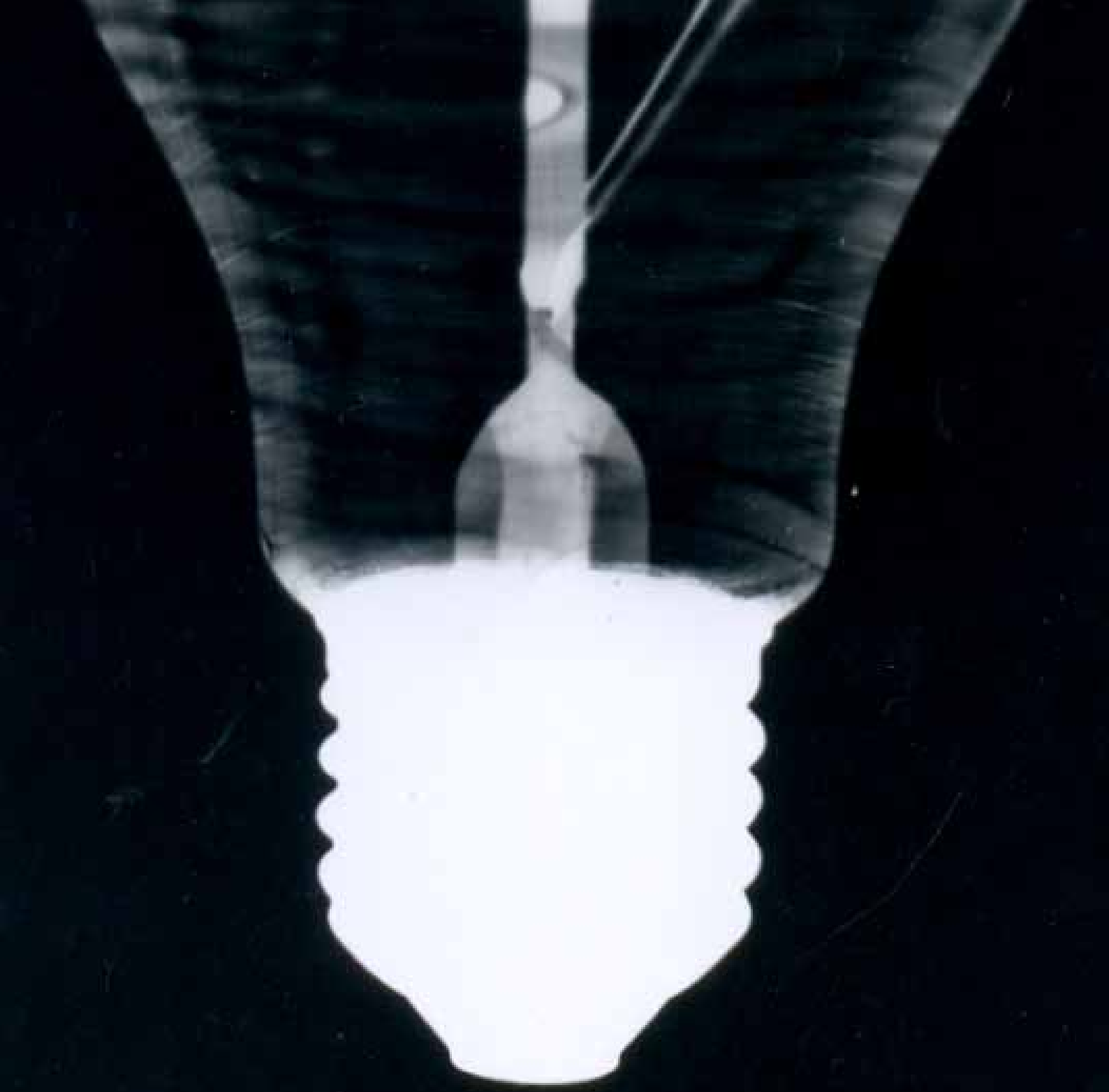
Isabella Mariano e Livia Corbellari.

## **PROJETO GRAFICO**

Isabella Mariano, Livia Corbellari e Sidney Spacini.

## **REVISÃO**

Brunella Brunello, Isabella Mariano e Guilherme Rebêlo.



# Sumário

**XXI 6**

**CHÁ DAS SETE 12**

**RESENHAS 22**

**VALISE 24**

**DOSSIER 41**

**CASA TOMADA 46**



# XXI

literatura deste início de século

Com Aline Travaglia



# Um livro que nasceu da VOZ

por Livia Corbellari e Raysa Calegari

“Poema da destruição” (2010) é o primeiro livro de **Aline Travaglia**. A estudante de psicologia, de 23 anos, conta que sua relação com as letras vem desde criança, porém o desejo de publicar nem sempre foi uma constante. Nascida em Vitória, Aline possui uma escrita espontânea e oral, fruto dos diversos saraus que ela costumava participar.

**Quando e como você começou a escrever?**

Eu não sei exatamente quando comecei, porque escrever sempre foi algo natural para mim. Minha mãe e minha avó dizem que desde pequena eu gostava da escrita. Às vezes, eu queria escrever uma letra de música e pedia para alguém pegar a caneta e copiar para mim. Desde então, eu comeci a pensar de forma versificada, com a cadência da poesia, como se fosse uma forma de pensar pessoal minha. Não considero isso uma coisa artística, mas sim uma forma que encontrei para dar ritmo ao meu pensamento.

**Houve algum processo, por exemplo: começou a escrever prosa e depois encontrou a poesia?**

Não, nunca passei pela prosa. Quando eu era novinha e não sabia escrever (escrever no sentido literário), eu tentei começar um diário, mas achava uma coisa muito boba. Ainda assim, eu sentia que tinha algum elo com a escrita.

**Apesar da poesia não exigir pontuação, seus poemas são todos corretamente pontuados, por quê?**

A respeito da pontuação, eu gostaria muito de

agradecer ao revisor do livro, o José Irmo, porque sou péssima para pontuar. Nós conversamos muito sobre a revisão do livro e eu falei para ele que todos os poemas que estão neste livro são versos que eu sei de cor, porque trabalhei por três anos declamando-os em saraus. Eu tinha um grupo de sarau e circulávamos por Vitória e outros locais sempre declamando a poesia decorada, nunca a poesia lida. Para manter esse ritmo da fala, resolvi pontuar.

**Comente um pouco sobre o seu processo criativo.**

Não é um processo artificial, por exemplo, sentar e pegar um lápis e falar “agora vou escrever”. Há escritores que não consideram isso artificial e trabalham desse modo, mas para mim é diferente. Às vezes, as palavras vêm na cabeça enquanto eu estou andando entre a Ufes e minha casa, num momento contemplativo ou então em outro mais afetivo. As palavras aparecem e então eu construo um verso que aos poucos vai virando um poema. Mas a princípio é um processo que ocorre no pensamento e a todo momento eu fico tentando gravar aquilo para não perder. Eu procurar pelas



Foto por Raysa Calegari



palavras é raro, na maioria das vezes o verso vem completo.

### **Seus poemas possuem muitas rimas, é algo acidental também?**

As rimas fazem parte do meu jeito de pensar, eu falo rimado normalmente. Às vezes, eu escrevo outros tipos de textos e as palavras rimam e fica ridículo. Não é que seja natural ou acidental, mas é como se a forma rimada e versificada fosse a minha forma de comunicar as coisas. Outro dia meu marido reparou que, quando eu assino meu nome no e-mail, eu escrevo Aline, dou enter e escrevo Travaglia em baixo. Ele me perguntou por que eu escrevo meu nome em verso, já que ele cabe inteiro numa linha só. Percebi que quando eu escrevo, tenho esse costume de não usar a linha inteira e quebrar as frases, quebrar as ideias em junções de poucas palavras.

### **Como foi a publicação do “Poema da Destruição”? Enfrentou alguma dificuldade?**

Esse livro foi publicado pela Secretaria de Cultura. Eu o inscrevi para concorrer no edital de premiação de literatura, de forma que a obra vai a julgamento de uma banca. Além do prêmio, eu recebi a publicação. Foram impressos 1.200 exemplares. Foi a Secult que o produziu, contratou revisor, diagramador e gráfica. Eu fiquei apenas acompanhado esse processo.

### **Sempre houve uma intenção de publicar seus textos?**

Quando eu era bem nova, eu comecei a produzir muito e estava com sede de publicar. Passada essa fase, eu recuei um pouco e fiquei mais reservada com meus textos. Não era vergonha de mostrar, mas sim medo de acabar ficando comercial. Porém, quando eu vi o edital, a vontade voltou, porque eu vi que escolhido o livro premiado, a Secult se responsabilizaria pelo resto e eu poderia confiar em um trabalho profissional e não precisaria investir uma grana grande.

### **Gostaria de que você falasse um pouco sobre suas influências.**

Eu sempre tive muito medo de ser influenciada. Eu lia poesia, mas eu procurava evitar. Quando eu tinha 12 ou 13 anos, eu lia determinado autor e depois ficava imitando e isso é muito chato. Hoje, eu considero isso uma atitude estranha, mas acho que acabou sendo proveitoso. Eu procurei

escrever algo que não ficasse identificado com nada. Atualmente, leio muito, inclusive estou tentando fazer uma leitura intensa de todos os poetas capixabas, o que de repente pode virar um trabalho. Também, percebi que eu leio e isso não fica mais impregnado na minha poesia.

### **A arte da capa é sua?**

Sim. A principio, eu queria colocar uma imagem e fazer uma arte no computador para tentar casar com o título. Mas não sei manipular imagem em computador, nem trabalhar com projeto gráfico. Tudo o que colocava eu não gostava, acabava ficando piegas. Um dia, eu comecei a mexer com aquarela e estava testando as tintas que eu havia acabado de comprar, quando a imagem ficou pronta eu gostei do resultado e pedi para um amigo meu escanear. Uma coisa legal é que é muito subjetiva. Já chegaram pessoas para mim falando que se trata de uma maré, mas eu não gostaria de contar qual é o meu sentimento sobre a imagem para não fechar todos os sentidos que ela pode ter e para as pessoas não se sentirem influenciadas pelo que eu acho.

### **Você também ganhou um edital do Programa Rede Cultura Jovem, gostaria que comentasse um pouco sobre ele.**

O nome do projeto é “Palavra em movimento” e vai ser realizado por um grupo. O objetivo do projeto é promover oficinas de poesia com o intuito de aproximar a poesia de jovens e de comuni-

dades. Não comunidades carentes apenas, mas comunidades carentes de um contato com a arte que não seja clichê. Além de levar a poesia, vemos também o que as pessoas estão produzindo. Um dos membros do grupo já faz esse tipo de oficina há muito tempo e ele relata uma admiração muito grande com o público. As pessoas levam pilhas de cadernos e, às vezes, aquela pessoa que ninguém espera, que tem um estereótipo de brincalhão, já está envolvido com o universo da poesia.

#### **Tem material para um próximo livro?**

Tenho ideias sim, mas não tenho nenhuma ansiedade para isso. Continuo escrevendo, mas gosto de tratar meus textos com mais vagarosidade, porque o mundo já pede tanta pressa da gente, exige tantos prazos. Com a minha escrita, eu não gosto de ficar ansiosa. Eu deixo as coisas acontecerem no tempo delas. Quando perceber que tenho um corpo de um livro, eu procuro outro edital, uma editora ou talvez imprima numa gráfica e faça a baixo custo para poder distribuir.

Quem se interessou pela obra pode entrar em contato com autora pelo email:  
[alinetravaglia@hotmail.com](mailto:alinetravaglia@hotmail.com)



# Resenha

## A reconstrução

por Livia Corbellari

Apesar do nome, “Poema da destruição”, a leveza de seus versos pode ser percebida pelas rimas simples que aparecem de forma natural como aparecem na fala. Os poemas, meticulosamente pontuados, têm o ritmo (ou a falta de ritmo) da palavra viva que sai da boca.

O nome do livro também é o título de um dos poemas cujo tema é a efemeridade. Entretanto, a degradação não é trabalhada como sendo o fim e sim o início de uma nova fase. A destruição ou a crise é, na verdade, uma provocação que impulsiona a linguagem e gera inovações.

Além dos temas cotidianos, a sensualidade também está presente em alguns versos e é trabalhada de uma forma delicada e subjetiva, como no seguinte trecho “Me tirou pra dançar no baile, / me leu com os olhos. / Depois, / me leu em Braille”.

As curtas estrofes da capixaba expressam um tom confessional. Às vezes, ela navega calma com sua nau frágil (“qualquer vento forte / me dá norte, / não importa de que lado sopra. / Só importa o que se sofre”); outras vezes como uma naufraga (“afinal, que morte mais doce / morrer-me afogada / naufragando num olhar”).



Saulo Ribeiro nasceu no espírito santo, em 1977. Escreveu Ponto Morto, romance premiado no edital de Edição e Difusão de Obras Literárias da Secretaria de Estado da Cultura (2009) e é um dos vencedores do Premio Ufes de Litaratura (2009/2010 - contos). Dramaturgo, possui diversos trabalhos encenados, entre eles a coautoria de Carcere, montagem de grande sucesso no país com texto publicado pela editora Cousa. Atualmente é roteirista do filme 2 e Meio do Alexandre serafim.

# Chá das Sete

## Saulo Ribeiro



## **Saulo Ribeiro, apresente-se!**

Eu sou capixaba, o que é meio raro, porque o Espírito Santo recebe muita gente de fora, e muitos são capixabas de coração, que às vezes são mais capixabas ainda. Eu nasci em Vila Velha e fui criado no interior. Até os 19 anos morei em Pedro Canário, e retornei à capital aos 20 anos de idade. Desde então, eu tenho vivido por aqui, sempre em Vitória. E tem esse papo de ter morado no interior por muito tempo e depois ter morado numa cidade que para mim era grande. Para quem mora aqui, parece uma capital de província, mas para mim era bem grande. Depois, eu me acostumei com isso e descobri que eu gosto muito de cidades. Não morei em outras capitais, mas nos últimos anos tenho viajado muito, e sempre fiquei fascinado por cidades. E isso de ser fascinado por cidades como novidade tem um traço no que eu escrevo. Tem esse olhar do menino de roça que está meio perdido numa cidade.

Eu não sou um escritor acadêmico. Eu não pesquiso literatura. Eu sou um escritor leitor. Tenho mais prazer em ler do que escrever. Escrever dá muito trabalho e eu sou um pouco preguiçoso. Apesar de que, eu tenho uma formação em História e uma em Direito, mas não tenho pós-graduação nem pretendo fazer um mestrado.

Eu acho que existem vários tipos de escritores: Existem os escritores acadêmicos, que levam suas pesquisas até a sua criação literária, o que é um processo interessante. Mas não é o meu caso, eu escrevo para qualquer um mesmo, eu escrevo para aquele cara que não está afeito às tradições e teorias literárias, embora quem estude isso possa encontrar alguns traços disso no que eu escrevo também. Não que eu goste de ler crítica, mas é o que eu pego por osmose dos escritores que eu leio.

### **Você pode falar um pouco de como se deu o processo de você se transformar em escritor?**

Um dia eu disse “Caramba, eu estou com quase dois livros prontos aqui, então eu acho que sou escritor” (risos). Na verdade, eu sempre gostei muito de teatro, e como eu morava no interior, nunca tive muito acesso. Quando eu me mudei para cá, comecei a ir a peças de teatro, depois comecei a estudar teatro. Só que eu era péssimo ator, mas eu queria me incorporar de alguma forma ao teatro. Diretor também eu tentei e eu era um péssimo diretor. Figurino, eu nem tentei fazer.

Então eu comecei a me incorporar escrevendo textos teatrais. Embora eu considere que minha dramaturgia seja muito inferior à minha prosa, essa foi minha primeira forma de expressão. Eu nunca consegui me realizar plenamente escrevendo para teatro. Eu nunca escrevi um texto que eu olhasse e falasse “Caramba, como eu gosto desse texto”, apesar de eles serem montados porque o diretor e os atores consertam o texto. Uma coisa é o texto no papel, e quando ele vai pro palco, a gente faz todos os elementos necessários e às vezes vira uma peça interessante. Como por exemplo, tem Cárcere (2009), que foi uma parceria com um ator chamado Vinícius Piedade, e é uma peça que eu gosto, embora não gostasse do texto original. Então é isso: Texto

é uma coisa, montagem é outra.

Eu gostava de escrever teatro, mas me sentia escritor. Eu sempre fui muito suave no meu texto de teatro. Eu sou super desbocado, falo muito palavrão. Estou até me controlando hoje. Falo muito sem pensar às vezes. E eu tinha um amigo que sempre ouvia isso e ficava nervoso comigo, porque eu reclamava de tudo com ele. Reclamava do preço de alguma coisa, reclamava que estava muito quente, reclamava que estava muito frio. Aí ele me disse “Por que você não faz um blog para reclamar? Faz um blog e você reclama de tudo”. E eu sempre incorporei tecnologia a medida que eu precisasse dela. Então eu não sabia nem como se fazia um blog. Aí um dia, eu estava à toa: “vou fazer um blog”. Aí eu joguei um texto lá, vomitando o texto, por raiva mesmo. E eu comecei a sentir necessidade de fazer isso sempre.

Dalí a pouco os textos começaram a tomar forma de histórias. E eu comecei a ser escritor. E com pseudônimo, porque se eu botasse a cara nisso, eu ia ter um bloqueio. Aí eu falava mal de teatro, falava mal de atores de quem eu não gostava, falava mal de textos. Quando eu fui ver, eu tinha um blog com textos que chegavam a 30, 35 comentários sem forçar a barra, de uma pessoa recomendando para outra. Tudo sob pseudônimo, que depois eu fui usar na minha literatura.

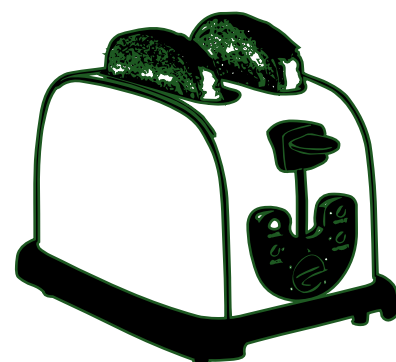
Eu sou muito apaixonado por motocicletas. Como motociclista, eu sou um cara muito tranquilo, uso uma motocicleta dessas de viagem, que é moto de tiozinho, não corre muito, é estável, mas no blog eu não podia fazer isso. Então eu arranjei uma motocicleta muito selvagem, uma Bandit 1200, para dar essa potência a esse narrador. Então ele virou o Duda Bandit, e esse era o blog do cara. Muita gente tirava textos dele e jogava em revistas virtuais, ele começou a ser citado, tinha gente que dizia que eu não era de Vitória, mas da Praça Oito de São Paulo. Aí eu comecei a ter contato com essa de lá também, que galera que produzia muita literatura de blog nessa época.

Fui convidado para algumas coletâneas, aí eu pensei “Olha, tá dando certo!”. Eu jogava um texto por semana, e eu tive esse blog por mais ou menos um ano. Era muito texto. Até que você vai cansando com isso. E apesar de muita gente comentando, muita gente lendo, eu não via ali uma qualidade para publicação. Até que um amigo meu me ensinou a achar cópias e plágios do meu blog. Eu achei meus textos em vários outros blogs, até achei um cara que me plagiou. Ele colocava um texto meu por semana no blog dele. O cara era do Amazonas. (risos) Aí eu pensei, se tem alguém querendo escrever o que eu estou escrevendo, não deve ser tão ruim assim. Então eu apaguei o blog, tirei muitos textos dele e fui escrever um livro com os textos desse blog. Aí eu preparei um livro chamado Partidas e uma novela escorada, porque eu tinha uma novelinha muito mal-feita que eu chamava de Novela escorada e vários contos. O livro tinha quase 200 páginas. Eu terminei esse livro em 2007 e ficou lá na gaveta. De dois em dois meses eu mexia nele e tirava um conto. Depois tirava três. Depois tirava quatro.

Até que em 2010 eu o publiquei (sob o nome Diana no Natal) e falei “putz, olha só o tamanho com que ele ficou”. Dessa fase, eu só separei sete contos e coloquei no livro. Eu decidi publicar porque um dos contos dele foi contemplado com o Prêmio Ufes de Literatura em 2009. Então eu já tinha um conto que foi publicado na academia e o resto era de textos de blog - e a gente tem esse preconceito de que os leitores de blog se prendem muito mais à história do que à estrutura narrativa. Mas se teve gente na academia, então eu vou correr atrás dos

dois públicos. Nesse meio tempo eu estava com vontade de produzir uma novela. O que eu gosto de escrever, o meu estilo, vem muito do que eu gosto de ler. Eu gosto de escrever textos que eu gostaria de ler. E eu gosto de me cercar de escritores que, não que eu quisesse copiar, mas se eu escrevesse muito bem, eu gostaria de escrever como eles. Tem uns escritores norte-americanos de literatura noir que eu gosto muito, James M. Cain é um deles. Tem o Charles Bukowski, que mesmo nem sempre sendo um grande escritor, eu acho o alter-ego dele um grande personagem e as situações em que ele se mete. Eu aprendi muito porque ele me ajudou a aceitar o que eu escrevia. Eu sempre via minha escritura como uma coisa inferior porque eu sempre estava olhando para o Garcia Márquez, para o Guimarães Rosa. Quando eu descobri o Bukowski, eu descobri um cara que escrevia com as mesmas imperfeições que eu escrevia. Se era de propósito ou não, não importa. Mas eu vi que tinha alguém que muita gente gostava e que meu estilo era parecido. Meu estilo não ficou igual ao dele porque eu lia textos dele. Tem gente que diz hoje que não é mais imperfeição, mas eu vou deixar isso para quem analisa, porque minha tarefa não é essa.

E também um brasileiro chamado Marcos Rey, que é conhecido como escritor infanto-juvenil, porque escrevia aquela série Vagalume, da Ática. Esse cara tinha obras adultas fantásticas - Soy loco por ti, América! (1978), O enterro da cafetina (1967), Memórias de um Gigolô (1968), Esta noite ou nunca (1988) - e eu ficava fascinado na obra desse cara que era um novelista excelente. E a academia nunca reconheceu muito ele por isto: apesar de ele ser um grande escritor, um novelista fantástico, ele tentou viver de escrever. Ele pegava o que aparecia. Nos anos 50, ele escreveu roteiros de rádio. Depois, ele foi fazer roteiros de programas de televisão. Depois foi fazer pequenos roteiros de publicidade. Depois,



quando vem a pornochanchada, ele vai fazer roteiros de pornochanchada. Quando acaba tudo nos anos 80, ele vai fazer literatura infanto-juvenil para poder sobreviver. Por ele sempre estar correndo atrás de sobreviver, ele nunca batalhou muito na obra literária dele. E é um romancista urbano, o que era muito raro até a década de 50 no Brasil. Havia grandes romances rurais, mas esse cara não: era um romancista urbano.

Juntando todas essas referências, eu decidi fazer uma novelinha sobre a Grande Vitória. Porque aqui tem linha férrea, e eu adoro ouvir o barulho do trem e vê-lo chegando. E já é algo bonito de jogar numa literatura urbana noir. O trem também é a figura do rural, porque a linha vai crescendo e a cidade cresce em volta dela. Vitória tem porto, então tem aqueles navios entrando e saindo. E dá uma nostalgia muito grande ver os navios entrando e saindo do porto sempre. Eu não sei por quê. Tem um crime organizado, que é um elemento para a literatura noir também. Vitória é aparentemente uma cidade pacata, onde os botecos fecham cedo, mas se você procurar direito - coisa que eu me dediquei muito a fazer (risos) - você vai encontrar muito boteco fechando às 5 da manhã, boteco perigoso, às vezes. Eu ficava até constrangido porque eu estava num boteco às 3 da manhã, chegava a polícia querendo dar uma batida, jogar todo mundo na parede e não mexia comigo. Aí eu falo "será que eu não tenho cara de quem comete crime?" (risos).

Eu peguei esses elementos todos, juntei minha paixão por motocicletas com uma motocicleta potente, do meio urbano, que dava essa impressão de flashes e velocidade, e construí essa novela que ganhou o edital de Romance de 2009 da Secult, que é o Ponto Morto (2010). Na verdade, essa diferenciação de novela para romance veio depois. Tem gente que chama o Ponto Morto de romance, e chamo de novela. E mesmo se ele não fosse publicado, valia a pena, porque eu me diverti muito escrevendo ele. E fazer um livro é muito trabalhoso. Eu sou meio preguiçoso. Então eu resisto a escrever. Porque eu sei que se eu começar, eu posso ficar 20, 24 horas escrevendo. Só paro se tiver como dar uma continuidade naquilo depois. No caso de um conto, se ele estiver com a estrutura pronta, só faltava mudar algumas coisas, eu não vou desistir dele. No Ponto Morto mesmo, eu já tinha construído a

estrutura dele, mas não tinha escrito. Eu sabia que seria uma novela com 50 capítulos, já sabia o que ia acontecer. Embora depois os acontecimentos acabam te guiando enquanto você produz. Os personagens vão te pedindo e exigindo coisas, como se eles se materializassem. Você dá um destino para ele e ele fala "pô, vai fazer isso comigo, cara? Até agora fui tão útil para você", ou então "me põe de volta aí, tô afim de voltar!".

Eu tinha essa estrutura. O livro eu escrevi em 30 dias, com base nesse esqueleto. E foi assim: eu trabalhava em um lugar e precisava escrever um relatório de umas 5000 páginas. Geralmente as pessoas demoram trinta dias para fazer esse relatório. Eu pedi para trabalhar em casa para terminar o relatório, fiz ele em quatro dias e passei o resto dos dias terminando a novela. Eu tinha um cronograma de quando o livro tinha que estar pronto para a leitura de um amigo meu. Então eu escrevia umas 12, 14 horas por dia. Dormia pouco, acordava, sentava e escrevia. E depois é limar, tirar coisas, que é algo que um escritor deve fazer. Não que eu considere o que eu escrevo bom, mas a gente tem que aprender a jogar fora e ter o mínimo de critério para isso. O meu critério é o que eu gosto de ler. Pode ser que o outro não goste. Mas eu estou tão convicto de que gostei que eu não ligo muito quando não gostam. E acontece, tem gente que detesta o que eu escrevo. Eu acho bacana isso de as pessoas se manifestarem mesmo. Tem gente que não gosta do que eu escrevo, e diz que não gosta do que eu escrevo, mas leu! Disso que eu gosto. E tem gente que adora o que eu escrevo. E tem os indiferentes também. Despertar esses três tipos de público, para a gente que escreve, é legal. Deve ser por causa da minha opção de escrever para muita gente, até porque eu gosto de escritores que escrevem para muita gente.

**Sobre a temática e o ambiente do Ponto Morto e do Diana no Natal, é sempre presente o submundo. Fale um pouco da pesquisa para chegar a esses ambientes e como você conseguiu transportá-los para Vitória?**

No ponto morto, eu já conhecia muita coisa de Vitória, então foi mais fácil. Eu acho que tudo isso vem dos contos que eu escrevi para o Diana no Natal. Tanto os que estão quanto os que não estão no livro, os da época do blog. Essa época foi de boemia. Eu era solteiro nessa cidade que às vezes fica fria



no inverno, as vezes não. E eu saio o tempo todo, sempre de moto. E eu chegava em casa, as 2, 3 da manhã, e sempre ia direto para o blog, para escrever alguma coisa. Então eu sempre pegava na memória as coisas mais frescas mesmo, as coisas que eu observo. Acho que a primeira coisa que um escritor tem que ser é observador, olhar tudo. Detalhes e tal. E esses detalhes eram coisas que eu já jogava na narrativa. Em 2006, início de 2007, eu me familiarizei, então eu já conseguia descrever esses ambientes. Antes, eu só conseguia descrever o que eu tinha visualizado, vivido. Depois do Ponto Morto, eu consegui ter um certo distanciamento sobre isso. Acho que é por isso que depois desse livro eu não escrevi mais nada. (risos) Eu tenho que voltar à boemia.

**Quando a gente olha um livro com um pouco de noir, talvez também pela capa, sempre se tem a impressão de estar lendo um livro “em preto e branco”, uma história em preto e branco, mesmo tendo duas escolas de samba no meio. Além disso, tem toda uma marcação geográfica do espaço, com ambientes conhecidos: a Rodovia do Sol, a Terceira Ponte, os prostíbulos da Serra, a Rua da Lama. Por mais que seja uma geografia palpável, ela sempre aparece assim: em preto e branco, meio que em outra época. Talvez como um romance dos anos 40, mas ambientado hoje, numa cidade que a gente conhece de cór e salteado, mas ao mesmo tempo não é. Tem um estranhamento alí. Foi intencional criar essa Vitória estranhada?**

Acho que 90% do que eu escrevo se passa à noite. E muitas coisas são pardas. As cores se diluem um pouco. Sempre que eu visualizo o que eu estou narrando, eu visualizo numa noite chuvosa. Eu gosto muito de chuva, apesar de ser motociclista. As coisas chegam para mim meio úmidas, meio molhadas e em preto-e-branco. É bom saber que eu consigo passar isso. E eu gosto de impulsionar isso com um ritmo. Uma música, o ruído da motocicleta. Eu sempre cadencio minha literatura assim. Não sei se dá perceber.

**No Ponto Morto, você escolheu trabalhar com o cenário da Grande Vitória, um cenário real. Por que a escolha de trabalhar com um cenário real e não com um universo ficcional?**

Eu acho que quando um cara é um grande escritor ele consegue criar universos. Eu, apesar de não ser um cronista, não consigo criar universos. Eu gosto de

“eu sei que se eu começar, posso ficar 20, 24 horas escrevendo”

falar do que eu estou vendo, falar do que é palpável para mim. Minha literatura só vai convencer outro a partir do momento em que ele acreditar no que eu estou dizendo alí. Tem grandes escritores que conseguem trabalhar com outras realidades, supra-realidades. Eu acredito que eu não conseguiria trabalhar dessa forma. Não acho que seja melhor. É só uma opção de criação, é o meu caminho. Eu trago uma Vitória com um estranhamento, mas aquela é minha Vitória. Cada um tem a sua forma de ver as coisas. Então quando alguém diz que gosta ou não gosta do livro, eu fico muito tranquilo, porque cada um vê as coisas com os olhos que tem. Esse livro vai ser bom ou ruim se eu conseguir cativar alguma coisa dentro de você e isso vai depender de quem é você e o que você está buscando na literatura.

Eu posso estar falando uma grande besteira, mas essa minha falta de compromisso com teorias, com crítica em geral - até porque eu não sou crítico nem estudo crítica, sou um cara que escreve - me dá uma liberdade muito grande para escrever, para ler e para falar também. Por exemplo, até os 26 anos de idade, eu lia de tudo, de tudo mesmo. Eu queria entender o que era aquele mundo, o que era literatura, o que era história. Todos os escritores que caíam na minha mão, eu lia. Quinta-feira era meu dia de ir para o sebo fazer garimpagem. Eu pegava qualquer livro, abria no meio, e se gostava do que estava lendo, eu levava. Se alguém me citasse um escritor e falasse que era interessante, eu procurava ler a produção desse cara também. E aí com o tempo, a gente vai separando o que a gente gosta do que você não gosta mais sabe que é importante

para a história da literatura.

Então eu tenho as minhas literaturas, as coisas que eu acho fantásticas; e também as que eu não acho fantásticas, mas respeito. Um exemplo? James Joyce. A literatura dele é um símbolo de uma renovação. O processo do Joyce deu uma liberdade a tanta gente que queria experimentar tanta coisa... mas eu acho Ulisses um saco. Eu cheguei na metade e não consegui. Os Dublinenses não, qualquer pessoa lê Dublinenses. Mas... desculpa, gente, Ulisses é um saco! Eu não consigo ficar duas páginas com um cara virando no travesseiro. Periodos enormes. Mas a gente respeita. São os olhos que ele tem e as coisas que chegam para ele. Ao mesmo tempo que Proust produzia aquela obra enorme que influenciou tanta gente no mundo, havia Louis-Ferdinand Céline produzindo o contrário, que era o Proust da plebe. Eu já estou na quinta ou sexta leitura de Viagem ao Fundo da Noite, porque às vezes eu chego em casa pensando “Eu quero sentir um pouco de Celine na veia hoje”.

Não é “Eu quero sentir um pouco de Proust”, se não a pressão abaixa! É uma escolha minha. Eu sempre gostei muito de literatura, desde os meus 15, 16 anos. Quando eu cheguei a tomar contato com mais obras, eu decidi que não queria fazer Letras, nem estudar Estudos Literários porque eu sempre quis que isso fosse um lazer. E eu também não pensava em ser escritor. Eu virei escritor com 27, 28 anos de idade. Eu sempre quis ser leitor, nunca pensava em transformar em profissão, porque tudo que eu transformei em profissão na vida virou um saco. Adoro ver teatro, sentar na platéia e ver um trabalho bem feito, mas o processo é tortuoso.



**Desde a capa do Ponto Morto, dá para notar essa visão de Vitória, com chuva, solidão. Essa visão existe desde que começou a ler ou veio com uma maturidade como escritor?**

Como eu vim de uma cidade com 18 mil habitantes, eu fiquei deslumbrado com Vitória como uma cidade grande. O que é estranho, porque Vitória não é uma cidade grande. E fiquei fascinado com a velocidade, a urbanidade. E descobri que a cidade ficava mais bonita quando chovia, embora ficasse mais caótica também. E descobri também que gostava desse caos. O caos que a chuva traz é um caos que já existe na nossa vida.

**Como foi o processo de criar esse alter ego do Ponto Morto? Como foi ele ganhar forma e complexidade desde o blog?**

Blog é algo fantástico. Você posta o texto hoje e amanhã já tem gente apontando coisas, elogiando coisas, vendo possibilidades. Foi surgindo, na verdade, um ano e meio em contato com leitores. Por isso eu estava tão seguro de inserir ele no Ponto Morto. Não só ele, mas outros também. Tem um personagem, o Pasoline, que eu também já tinha experimentado também no blog. Eu gosto de conviver bem com esses personagens, trazer eles de volta num conto. Mas a criação foi toda mediada.

No blog, o alter ego tinha o nome de Duda Bandit. Quando foi para a novela, virou Luca Bandit. Quando eu acabei com o blog, eu acabei com ele no auge. Eu matei o cara antes de fechar o blog. Quando eu trouxe ele de volta, eu trouxe ele um pouco diferente, só para dizer que ele driblou o pessoal do cartório e pegou o atestado de óbito.

**O que você pode dizer sobre suas personagens femininas?**

Sempre tem muitas personagens femininas, ocultas ou não, no que eu escrevo. O Diana no Natal é Diana no Natal. É dedicado às mulheres. E não é nem por machismo, mas elas têm muito pouca voz nessas obras. Até quando elas falam, elas não falam. É o narrador que fala por elas. Eu gosto muito de ouvir mulheres. Como eu ouço muito, então quando eu escrevo eu penso “Agora quem vai falar sou eu!” (risos). À primeira vista, são contos machistas. Já recebi e-mails me esculhambando, dizendo que são contos machistas. Mas olhando nas entrelinhas,



você vê que tem valores masculinos em crise, e que existe alguém fechando a guarda preocupado. Não querendo impedir o crescimento da mulher, mas com medo disso. É uma percepção que tem se tornado como senso comum. Eu acho que o escritor transcende o senso comum sem abrir mão dele. Afinal de contas, o senso comum é um pensamento que está dominante naquele lugar, e o escritor vai ser visto por aquelas pessoas daquela forma. E eu não abro mão dessa visão. É um homem preocupado, que não sabe se aquilo é bom ou é ruim, mas quer garantir o seu espaço naquela narrativa. E às vezes, ele não consegue, mesmo não dando voz.

No Diana no Natal, eu dialogo com duas outras obras. Um livro do Bukowski chamado Mulheres, que é Bukowski, com seu alter-ego Chinaski, falando sobre as mulheres com quem ele esteve na vida, e são mulheres terríveis. E um um pouco mais sutil, que é do François Truffaut: O homem que amava as mulheres (1977), mas que não é o filme. O roteiro do filme deu origem a uma novela muito gostosa de ler. Eu conheci a novela antes do filme, e fiquei muito fascinado.

#### **E quais são suas referências de fora da literatura para escrever?**

Na música, eu gosto muito de Sérgio Sampaio. Eu já escrevi muitos contos ao som dele. Acho que a poesia dele diz muita coisa que eu queria dizer em prosa. E não só a poesia da canção, mas o ritmo também. No cinema, eu gosto muito de algumas coisas do Quentin Tarantino. Falo mal às vezes, mas eu gosto bastante.

#### **Hoje você é muito envolvido com o circuito da literatura do estado. Você acredita que haja uma nova geração literária e se há um ponto de contato entre esses escritores em Vitória?**

Não que eu não acredite mais em que não se configure uma unidade, uma idéia a partir de uma geração na criação. Mas cada vez mais, eu acho que mundialmente, nacionalmente, o escritor tem ganhado cada vez menos importância como alguém que você ouve e leva em consideração. Essa nova geração lê cada vez menos, até porquê lê cada vez mais as imagens. Isso não é uma crítica, de forma alguma. Acho que é parte do momento. Pode ser que os escritores dos anos 40 e 50 sejam os cineastas, os músicos de hoje. O escritor perdeu o posto de “arauto” que ele tinha antes. A gente pega escritores famosos do Brasil e verifica a vendagem deles no Espírito Santo, e você vê que são vendagens pífias. O cara é mais citado do que comprado e lido. Se já é complicado mapear uma geração de novos escritores nacionalmente, localmente é mais difícil ainda. Mas a gente tem um diferencial, que é a dimensão espacial. A gente tem como fazer a diferença. Acho que um Chá das Sete, uma Graciano fazem diferença. Você cria um meio de mapear a produção local. Quem está produzindo? Estamos produzindo bem? Estamos produzindo mal? Aprendendo? Desaprendendo? Não importa. Quem está produzindo? Mas acho que falta esses grupos se articularem mais e se lerem mais. Ninguém está lendo o colega. Isso que é bacana aqui, no Chá: A galera lê para poder perguntar, questionar. O primeiro passo é a gente começar a se ler para passar a se reconhecer.

#### **Você acha que quando você lê sua própria obra, você tem algum acréscimo como o de quem lê a obra de outra pessoa?**

Acidentalmente eu faço algum intertexto que eu não quis fazer. Às vezes, vejo algo que eu escrevi não era o que eu quis dizer. E às vezes eu consigo transcender aquilo e ver como leitor mesmo, principalmente quando foi algo que eu escrevi há muito tempo. Mas eu acho que é por aí. Para mim, o livro só está pronto depois que você publica. Qualquer coisa antes de publicada, se eu ler dez vezes, eu vou mudar dez vezes. Tem que publicar. Se eu não publicasse, o Diana no Natal teria virado um folheto.

É engraçado que eu comecei a escrever muito tarde. Os escritores de agora têm começado muito cedo. Tem escritores de 20, 21 anos que já tem obras publicadas. Eu não, publiquei o meu primeiro com 30 anos, que foi o Cárcere, junto com o Vinícius. Eu comecei muito cômodo, porque qualquer problema

# “além da Editora Cousa, a gente tem que incentivar os nossos colegas a montarem suas editoras”

que você achasse no texto, eu falava que era culpa do Vinícius (risos). Aí eu fiquei um tempo sem publicar. E de repente, com 32, no mesmo ano eu publiquei dois livros. Eram coisas que já estavam prontas antes.

Eu tenho uma dramaturgia pronta para publicar, mas que não está bem pronta mesmo. Eu penso que dramaturgia só está pronta mesmo quando você vê no palco e adapta direitinho. E é provável que minha próxima publicação seja ela. Em prosa mesmo, que é o que mais me agrada, não sei quando vou publicar. Mas vou publicar, nem que seja daqui a 10 anos.

Eu pensei que ia terminar meu romance quando sofri um acidente, no ano passado, e rompi os ligamentos da perna e recebi 4 meses para me recuperar. Eu pensei “Quatro meses sem trabalhar? Isso é uma ‘Bolsa Menisco e Ligamento de Criação Literária’. Vou terminar meu romance”. Acabou que eu não fiz nada (risos). Em compensação, em épocas em que eu estou muito mais atarefado, eu tenho a necessidade de chegar em casa e produzir alguma coisa. Eu acho que é de época.

## **Tem algum autor daqui que te influenciou?**

Eu acho que se tem um escritor no Espírito Santo que está na minha veia, que eu não consigo abandonar, e que está na minha estante e eu tenho que ler sempre, influencia na minha forma de escrever é o José Carlos de Oliveira. Ele era um cronista do Jor-

nal do Brasil. Grande cronista. Não leiam só Rubem Braga, gente. Leiam Carlos de Oliveira. É fantástico. Eu vejo o que ele faz e tenho vontade de fazer igual. Tem outros no Espírito Santo que eu também gosto, mas não me aproprio de partes das obras. São grandes escritores, eles tem uma engenharia de linguagem que é impressionante e estão entre os melhores do país. Reinaldo Santos Neves, por exemplo, é um gênio para mim.

Há muito tempo eu deixei de ler poesia. Eu lia muito antes. Mas nos últimos tempos eu tenho retomado a leitura de poesia, tem alguns poetas dos quais eu tenho gostado muito. Tem muita gente nova de blog que está produzindo muita coisa legal. Até trabalhando com a Editora Cousa, a gente a idéia de publicar essas pessoas. Mas sempre rola essa questão do dinheiro.

## **Fale um pouco sobre como é trabalhar com o mercado editorial por aqui.**

A gente está construindo um mercado editorial, na verdade. E mais é sempre melhor. Então além da Editora Cousa, a gente tem que incentivar os nossos colegas a montarem suas editoras e a gente se associar para isso. Tem gente que tem procurado para saber como se monta uma editora. Quem me procura, eu sempre dou todos os caminhos, porque quando a gente associar esse grupo de editoras, a gente vai ter um mercado e cacife para montar projetos conjuntos de consignação. Mas a gente tem que avançar muito na questão da qualidade do livro. O Miguel Marvilla, por exemplo, tinha uma editora chamada Flor&Cultura, que ainda existe, mas o Marvilla faleceu e levou bastante do espírito dela. Eles tinham atingido uma qualidade gráfica impressionante: capa, diagramação, tipo de papel. É algo em que a Cousa vai demorar um pouco para alcançar. A gente comete um erro a cada livro, mas não comete de novo no próximo. Com o tempo, a gente vai alcançar uma maturidade gráfica. É porque os livros tem que estar muito bonitos para a gente ganhar mercado, também. Não adianta só a obra ser muito legal. Para o livro estar exposto em livrarias, a gente tem que ter um zelo muito grande.

## **Você trabalhou com cinema recentemente. Como foi a experiência? Você pretende continuar trabalhando com isso?**

O que eu fiz com cinema foi o roteiro do curta-me-

tragem Dois e meio (2010), do Alexandre Serafini. Na verdade, o Serafini assistiu à peça Cárcere, gostou muito, e achou que para o filme que ele estava fazendo, ele queria aquela pegada no roteiro. Ele me convidou para trabalhar no roteiro para levar a pegada da peça. Depois, ele leu o Diana no Natal, gostou e a gente acabou fazendo o roteiro com muito da minha obra em literatura, além da fúria do Cárcere. Inclusive, eu levei alguns personagens, como o Pasoline. O filme ficou muito bonito, porque a gente conseguiu juntar uma galera muito legal para fazer ele. Não só pela parte técnica, mas também pelos atores.

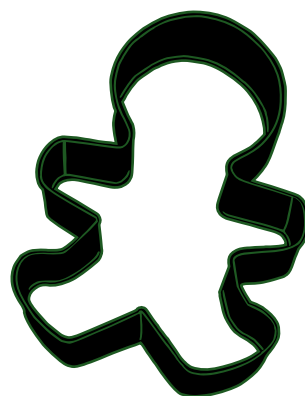
**Os diálogos no Dois e meio são bem diferentes dos que a gente está acostumado a ver no cinema daqui e no cinema brasileiro. Fica aquela curiosidade, já que você sai da literatura e do teatro, e tem esse trabalho com o diálogo, como se dá isso no roteiro para cinema?**

Fazer roteiro é muito difícil. Se no teatro já é meio complicado, porque você escreve algo e aquilo chega ao espectador mediado por vários olhares, o do diretor, do ator, no cinema, nessa experiência, você joga muito no escuro. Você não sabe nunca se vai dar certo, nem sabe se você vai poder consertar. É um jogo de pôquer. E não é à toa que o filme é do diretor. Você nunca sabe o que você vai ver até a exibição. O roteiro está ali, a filmagem está ali, mas na edição vira outro filme! Ele dá uma incerteza muito grande.

**Há mais alguma coisa sobre o que voce queira falar?**

Só falta falar um pouco mais de dramaturgia. É algo que eu gosto muito de ler. Gosto muito de assistir a espetáculos teatrais. E eu comecei lá. Eu ainda considero minha dramaturgia inferior a minha prosa. Nunca consegui inserir na dramaturgia o universo que eu gostaria, por uma série de empecilhos que você tem: a questão da direção, da atuação. Você pensa de um jeito e sai de outra forma. Eu acho que no Espírito Santo, a gente precisa jogar mais para dramaturgia. Aqui tem muita gente se aventurando na poesia, na prosa, mas a dramaturgia ainda é um campo aberto. Temos muito poucos dramaturgos. Eu até brinco que “eu faço dramaturgia porque não tem mais ninguém para fazer”. Alguém tem que fazer!

Essa galera tem que se reunir para fazer leituras dramáticas. E se você quer passar uma mensagem, a dramaturgia é muito eficiente, porque o que você quer expressar chega a muita gente e de uma forma muito mais acessível do que o livro. Ela tem uma forma, uma sofisticação, uma forma de fazer diferenciada assim como a prosa e a poesia. Vamos começar a estudar e produzir isso. A gente tem bons dramaturgos aqui. Um dos melhores é o Fernando Marques, do Grupo Z. Só quero deixar essa mensagem de olhar a dramaturgia com um pouco mais de carinho. Também quero agradecer ao Cronópio pelo evento, até pela qualidade dele. Ele dá uma possibilidade de você falar um pouco mais sobre o que você está fazendo. É muito difícil você sentar num boteco e arranjar um amigo que queira ouvir isso! (risos) É um evento único. Você só consegue entender o que você está fazendo quando você começa a falar sobre o que você está fazendo.





# Resenhas

## Na garupa de Bandit

Leandro Reis

Impossível sair de madrugada em Vitória e não pensar em Luca Bandit com sua moto pelas ruas, em alta velocidade, e um The Doors ao fundo - eu indicaria "Riders on the Storm" e acho que Bandit assinará em baixo.

Se fôssemos confiar no "Bandido" – como é conhecido pelos amigos o protagonista e também narrador da história – diríamos que a Capital só pode ser vista em preto e branco. Não que ele não seja confiável, mas Bandit é um boêmio calejado nos puteiros e bares mais sujos da Grande Vitória - e esses tipos costumam ver as coisas de modo bastante particular. Vamos dizer, então, que a cidade com Bandit fica um pouco noir; uma Vitória saída de Chinatown.

O submundo é arrastado à superfície pelo capixaba Saulo Ribeiro com uma escrita leve e, ao mesmo tempo, firme, como Luca Bandit costurando o trânsito da Reta da Penha na hora do rush. Guardadas as devidas proporções, o autor de Ponto Morto se assemelha ao saudoso Marcos Rey, que nos trouxe obras-primas como O Enterro da Cafetina e Memórias de um Gigolô. O paulista valia-se da boemia de São Paulo – e isso inclui bares e prostíbulos

de todas as categorias – para ambientar seus textos, geralmente, com relatos em primeira pessoa e cruzamentos entre personagens. É o que Saulo faz, transpondo a linearidade em Diana no Natal – seu livro de contos, publicado antes de Ponto Morto – para retomar alguns personagens em seu romance.

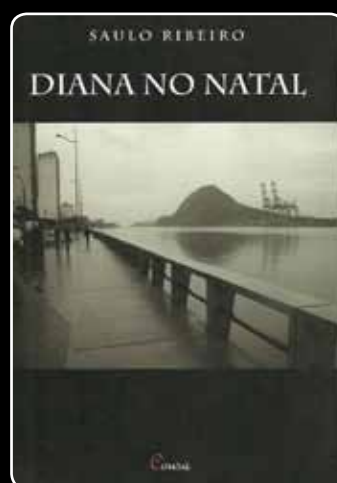
Em uma narrativa de fôlego impressionante, Saulo Ribeiro faz das 99 páginas de Ponto Morto um deleite inadiável. Na história, Luca Bandit é um advogado que pega um caso de assassinato cheio de suspense. Antes de mais nada, Bandit é um sem-lugar. Não trabalha para ninguém, não tem família próxima e vive perambulando – ou correndo com sua Suzuki – pelas ruas de Vitória. Ele tem um caso mal-resolvido com uma tal de Laura N, que sempre aparece em suas fantasias. Laura N, aquela cadela!

Apesar de ser um suspense, um humor, por vezes negro, permeia boa parte do texto. Além de muito visual, Ponto Morto carrega uma ironia quase tarantinesca. Seja nos diálogos, seja nos relatos do narrador-protagonista, Saulo mostra uma Vitória que ri das suas próprias mazelas. Uma Vitória em preto e branco, acima de tudo. Não é, Bandit?

Ponto Morto  
(2010)



# Diana no Natal (2009)



## Uma ilha cinzenta

por Sidney Spacini

É conveniente falar da literatura de Saulo Ribeiro depois de rodar pelas noites nubladas da cidade de Vitória. A atmosfera está montada e você só precisa deixar as pálpebras caírem um pouco para ver suas tramas se desenrolarem ao vivo, nas ruas e na chuva fina. A cidade fria de Saulo está toda ali. O underground dos bares, esquinas e motéis que povoam o imaginário do capixaba.

Nessas voltas corriqueiras, “Diana no Natal” começa a se apresentar pelo trivial de uma comemoração natalina com uma prostituta. A ficção, passível de se reconhecer como uma apropriação de uma página de memórias de uma pessoa comum, vai ganhando retalhos do que talvez mais encante em todo o livro: a passagem do ordinário para o singular. Explico. Em cada conto de “Diana no Natal”, é apresentada (meio que sem muita cerimônia) uma fauna urbana de personagens que podem assumir o rosto de qualquer um dos pedestres melancólicos que vemos todas as manhãs andando pelas ruas.

As histórias que se desenrolam desses tantos personagens se assemelham a uma daquelas boas conversas de boteco, onde contamos coisas que vimos, vivemos, ouvimos de outros e, mesmo que não

verdadeiras sempre, mantêm-se verossímeis. A verdade é que Saulo isola estereótipos urbanos visíveis no convívio de uma cidade pequena e cheia de peculiaridades. Em seguida retrata esses personagens, inclui particularidades e trejeitos, tornando-os corpóreos em alguma medida. O diálogo deles com o espaço – a ilha cinzenta e escura, a noite à beira-mar, o movimento do porto – torna esses pequenos fragmentos de urbanidade mais reconhecíveis. Empáticos, até.

Outra faceta de “Diana no Natal” que se faz digna de nota é o papel do narrador. Este apresenta diversas vozes dentro do livro, por vezes até em terceira pessoa, mas que estão sempre emitindo juízos e refletindo sobre o que está sendo narrado – um crítico de si mesmo ou da situação apresentada. Juntando as diversas vozes às citações e referências, Saulo dá a sua própria voz ao texto - ainda que vestindo uma máscara de personagem. O sarcasmo de cada um desses contos, seu humor negro e uma dose generosa de elementos e referências sexuais tornam o livro, assim como cada uma de suas histórias, tão único como a imagem particular e subjetiva que cada um de nós tem do espaço onde vivemos. Ao mesmo tempo, faz com que fique muito claro e expresso que essa é a versão de Saulo Ribeiro.

# valise



Despacho  
SIDNEY SPACINI

Caulfield  
LÍVIA CORBELLARI

Pausa  
LORRAINE PAIXÃO

Fato  
ISABELLA MARIANO

Tormenta  
LUCAS PINHEL

Uma viagem  
GIAN LUCA

A palavra-chave  
MANOELA ALBUQUERQUE

A onda  
BRUNELLA BRUNELLO





O pássaro na  
árvore

NELSON ALOYSIO

Pra fazer ninho

JOÃO CHAGAS

•  
GUILHERME REBÊLO



Branca

RAYSA CALEGARI

Branca

RAYSA CALEGARI

# Despacho

## SIDNEY SPACINI

39 anos, nascido Adelson. Hoje, atende por Adelaide ou por qualquer outro nome inventado de última hora.

*“A noite é cruel.  
Às vezes, é preciso trocar de pele pra salvar o pescoço.”*

Criado em terreiro. Bate a cabeça querida. Chama teu santo. Tua força. Conforta a tua alma. Som de pomba. Liberta que hoje é feriado pra tuas pernas doloridas cansadas marcadas da saia preta justa desconfortável emprestada e roubada. De noite tem mais. Sempre tem. Tem que ter. Se não tiver, as contas vencem, cortam a luz, cortam o telefone, cortam a comida, teu teto, tua vida. Passa maquiagem nessa porra de hematoma. Todo mundo já olha. Que seja sem pena.

*“Um murro bem no olho.  
Filho da puta. Vai pagar. Cedo ou tarde vai pagar.  
Pagar tudo quanto deve por aí. Toda noite tem um pouco da malícia de Xangô pra virar tabuleiros.  
Sangrar vagabundo que não presta.”*

Veste a roupa. Se monta. Teu ponto não vai te esperar noite inteira. As vagabunda vão acabar pintando às 2:00 e tu tem que estar lá. Mijar no poste. Veste vermelho e preto pra espantar tranca-rua e conseguir cliente bom. Veste de exu. Dá medo.

As coxas doem. A pose fica. Se apruma e mexe as prótese. Ganha-pão cirúrgico.

E reza,  
Que Ogum cuida dos seus.  
Reza oferenda.  
Pro teu caboclo chegar de corsa e te fazer amor pago num motel barato daqui a quatro quadras. Tu vai ser feliz. Tu vai. Tu só tem que esperar.  
As horas encurtando.

Quem desce pro ponto já sabe o destino, mesmo que incerto. Não desanima.  
Ganha a vida. Ganha direito de ver Iemanjá parir o sol.  
Manhã quase noite.  
E, às vezes, chora.  
Chora da tua alma arranhada maltratada de tanta luta, teu orgulho reza em trapo pelos chão  
Mas não te entrega.  
Nego quer ver tu cair.


*“Nego gosta de chutar despacho.  
O santo não deixa.”*



# Pausa

## LORRAINE PAIXÃO

Imagens distorcidas de uma noite conturbada surgem em minha mente. Não me lembro do que tenha acontecido na noite passada. Vejo você ao meu lado, dormindo como uma criança despreocupada. Levanto-me da cama em silêncio, não quero interromper seu sono. Roupas, *appetite for destruction* do Guns, um Saramago, revistas, bloquinho de anotação e bics espalhadas pelo chão do meu quarto. Vejo pela janela que cai uma fina chuva lá fora. Que dia é hoje? Domingo? Não tenho convicção de nada. A porta do quarto está entreaberta. Sigo pelo corredor que dá em direção à cozinha. Minha cabeça lateja. Pratos e copos jogados na pia. Restos de pizza na mesa. Não tem nada na geladeira a não ser água. Bebo. Respiro profundamente e tento me lembrar do que aconteceu. Nada. Caminho rumo à sala. Mais CDs e revistas pelo chão. Há um violão encostado na parede. A TV está ligada e sem som. Tem um casal de desconhecidos deitados no tapete da minha sala. Quem são eles? Não me lembro. Cansada, volto para o quarto. Fecho a porta. Deito ao seu lado. Você continua a dormir. Fecho os olhos e tento fazer o mesmo.






# Tormenta

LUCAS PINHEL

Deixe-me aqui, assim  
Só quero um pouco de ar  
Só um pouco de ar  
O murmurar do silêncio  
Dos seus olhos latos de contar estrelas  
Me assusta

Deixe-me aqui, grata  
Ria bem alto com sua fingidez áspera  
Hílar  
E saque seu marcador de seda  
Das páginas da minha vida  
De festim

Deixe-me aqui, de canto  
Engula nossos planos de primavera  
Sozinho saia com seu pedaço mordido  
E sirva-se da morte do amor  
Que um dia tenha sentido, talvez  
Por mim



# A palavra-chave

## MANOELA ALBUQUERQUE

Pobres portas e gavetas apanham sem cessar. E como sofrem. O bater da madeira morta transforma-se em horrorosa sinfonia que diz, sem voz, tudo. O agudo abrir da porta, cuja dobradiça reclama, rangendo, termina em estrondo. A última porta que se fecha soa como furiosa exclamação! Do lado de dentro, gritam-se palavras fortes. E no embalar do som, negativamente contagiante, lá vai a moça pelas escadas...

O rock pesado afasta-se, dando lugar ao choro grave de bordão oculto, tocado por ela mesma. As escadas são descidas com melancolia, que num deslize vira tormento. Os passos sedentos de despejar fúria em matéria. Senta-se. Transfere sua cólera ao banco e, enfim, empurra o portão, com toda a delicadeza.

Caminha resmungando pela rua, resgata lembranças e emite opiniões para si. Desabafa para o mundo sem que ninguém a possa ouvir. Desperta a atenção de quem passa, ora, mas por que essa moça tão bem arrumada chora? Mas que falta de sensibilidade à bagunça interna... Ignora toda e qualquer pergunta, de curiosa à banal. Alguns minutos depois, decididamente insatisfeita com a recepção da rua, revolta, volta para a casa.

Ao defrontar-se com o portão, pega o molho de chaves com toda a ira incompreendida. Ele cai. Ela o pega. O nervosismo a consome; o corpo, que ferve, refresca-se com suor e lágrimas; coração

quase pedra, de gelo. Aaaaaah! Mas que saco! Escolhe a chave que vem à mão e, por sorte, acerta. Desconta todo o calor no portão que, em seguida, grita, vibra.

Agora é a vez da porta. Cansada das escadas, pega, sem pestanejar, novamente suas chaves. Enfia a escolhida na fechadura. A forma parece certa. Ela gira de um lado para o outro. De novo e mais uma vez. Irrita-se profundamente. Tira. Põe. Gira. Grita. Força. Empurra. Bate. Reclama. Sente-se insultada pela porta. Chora. Pára. Olha para a chave. Não é esta. Respira por alguns segundos. Conta. Pega outra chave, encaixa pacientemente na fechadura, gira e abre. Suspira.



# Caulfield

LÍVIA CORBELLARI

-Caulfield era rico ou coisa que o valha, um rebelde sem causa... Ridículo! Quero ver se ele tivesse que enfrentar fila de banco, chefe estressado e ônibus lotado se ele ia continuar assim tão rebelde.

-Eu acho que o pior era aquele amor que ele sentia pela irmã.

-Por isso que ele não comia ninguém, ele era apaixonado pela irmã.

-E ele odiava cinema. Como alguém pode odiar cinema!?

-É, mas ele podia fazer as malas e ir embora a hora que queria. Filho da puta! Morro de inveja.



# Fato

ISABELLA MARIANO

Tenho certeza:  
Melhor assim  
Que assado  
(Eu acho)



# Uma viagem


GIAN LUCA

Como era irritante querer ler naquele dia chuvoso. Provavelmente eu iria ficar um tempo considerável no ponto esperando o ônibus, e nessas ocasiões eu sempre aproveitava para adiantar alguma leitura; assim eu tinha impressão que não estava perdendo tempo. Perdendo tempo. Mas naquele dia chuvoso era impossível, a marquise do ponto estava lotada e eu precisava segurar o guarda-chuva... Que situação irritante! Entenda-me bem: quando estou dentro do ônibus eu não sento no lugar reservado para os idosos por maldade (mesmo que às vezes eu tenha ódio de alguns deles pela falta de educação), e nem é para afirmar meu status de jovem saudável que tem toda a vida pela frente, nada disso, até porque eu não me sinto jovem e muito menos saudável. Eu não tenho toda a vida pela frente, entenda isso. Entenda-me bem: Eu sento em um daqueles lugares porque eu quero adiantar a minha leitura, só por isso! São quase duas horas dentro do ônibus (duas na ida e duas na volta). É tempo demais. Porque os idosos não tem compaixão pela minha sede de conhecimento e me deixam quietinho lá? Eles irão morrer se ficarem em pé? E a maioria não fica nem 20 minutos lá dentro! Sem contar aqueles que entram em um ponto e saem no ponto seguinte! E tem mais: porque um homem de 70 anos pegaria um ônibus às seis e meia da manhã? Eu não consigo entender isso. Cadê os filhos dessas criaturas para ajudá-los? Depois dessa vida inteira, eles ainda precisam sair às seis da manhã? E para ir aonde afinal? O destino dos idosos é algo que sempre me intrigou. Se eu chegasse aos 70 anos, eu já queria ter viajado para

todos os lugares nas mais variadas horas possíveis. Aos 70 anos, eu gostaria de uma cama quentinha e um chá de limão. Aos 70 anos eu não preciso mais ler um livro por semana, mas aos 20 eu preciso, entenda isso. Mas naquele dia, os idosos ainda não tinham aparecido na minha vida. O problema era a chuva e a marquise lotada. Meu livro na bolsa, aquele desperdício doía. Em cada minuto que passava eu perdia uma linha que poderia mudar minha forma de pensar, de agir, de escrever, meu futuro indo embora.

Havia, ao lado da marquise, um vendedor de bombons. Era um homem com seus quarenta e poucos anos, moreno claro, forte, cabelo esbranquiçado e traços marcantes, muito bonito. Sentada ao lado estava a sua filhinha, em torno de dez anos, também morena, cabelos enrolados e sem olhar de pena. Sentadas na marquise, ocupando o meu lugar, havia duas mulheres horrorosas, gordas, cheias de parafernália e com vozes grosseiras. Duas surpresas: elas interagiam com aquele vendedor e estavam esperando o ônibus com ar condicionado. Nem eu tinha dinheiro para aquele tipo de condução. Elas estavam ocupando o meu lugar, elas não estavam lendo, estavam interagindo com aquele pai maravilhoso e ainda iriam embora usando a melhor condução da cidade!

- Quanto é o bombom? Perguntou uma delas, qualquer que seja, naquele ponto aquelas duas já eram uma mesma massa, insignificante para mim.





- Um real cada. Só um real.

A voz daquele vendedor era deliciosa, como molhada para sobreviver naquele ambiente hostil e indiferente.

- Tem de que? Uma parte daquela massa perguntou.

- Tem de coco, brigadeiro, morango...

- ESSE ÔNIBUS QUE NÃO PASSA! OLHA ELE! ELE LÁ! AH, NÃO É NÃO!

- Uva, maracujá, amargo...

- CADE ESSE ÔNIBUS? NÃO É AQUELE NÃO, MÃE? MÃÃE?

- ONDE FILHA, ONDE? NÃÃO!

- Eles estão uma delícia, eu mesmo faço o chocolate com leite...

- NÃO SEI, ELA FOI ONTEM LÁ, ELA ME LIGOU!

- TE LIGOU? ONTEM? NO CELULAR?

- FOI!

- Então, só um real cada.

De onde vinha aquele homem? Pessoas bonitas que trabalhavam informalmente sempre me atraíram. Eu adoro criar histórias para esses príncipes e princesas que foram enxotados de seus castelos pela feiticeira malvada. Aquele homem me pareceu mais nobre do que a maioria das pessoas que eu conheço intimamente. Havia um ar de placidez e organização em todo aquele processo de feitura e venda de bombons, junto à capacidade de

lidar com a sordidez dos outros, que me fascinava realmente. Eu nunca seria capaz de fazer tudo isso. Numa situação como aquela, eu já teria ofendido aquelas mulheres da maneira mais mesquinha que pudesse. Sem contar que eu nunca saberia organizar uma barraquinha de bombons tão apaixonadamente, uma loja da Tiffany não poderia ser mais atraente do que aqueles bombons, formando uma espécie de disposição natural, como um recife de coral. Eu não tenho o dom de organizar coisa alguma; eu nunca conseguiria viver toda uma vida baseada num amor inquestionável, inquebrável, sem defeitos. O pai, a filha e os bombons formavam aquela tríade perfeita, implacável em seu domínio. Eu nasci para ler, para viver a história dos outros, para julgar os outros, para enfeitar os outros. É por isso que aquele dia chuvoso com a marquise lotada me irritava, é por isso que eu sento no lugar dos idosos. Não é por maldade, juro!



# A onda

BRUNELLA BRUNELLO

Era estreita a faixa de areia entre o mar revolto e o paredão de pedra. Ela, lá, simplesmente sem saber. Sem saber onde estava ou como fora parar ali. Sem saber o que fazer ou para onde ir. Se sabia pelo menos quem era, também um mistério. Mas sequer pensava nisso. Andando, devagar, sem nem divagar, em algum momento pensou que no alto daquele imenso paredão de pedra o vento podia ilustrar o mundo. Se afastou, um pouco, pés na beira d'água. Pelo canto do olho avistou vultos, pessoas ao longe, talvez como ela. Mas não se importou. Procurava os desenhos, como que se divertindo, esperando que o mesmo fluxo subconsciente que a jogou lá, levasse-a de volta. Olhando, sentiu. O vento mudou. Virou-se para o mar e viu uma onda gigantesca se levantando. Tentou correr, mesmo sem ter para onde correr. Seus pés pareciam tão rocha como o paredão. E a onda veio.

Poderia ser o fim. Uma onda daquele tamanho pesava toneladas. Em cima dela, poderia quebrar seus ossos, empurrá-la para o fundo. Ela ficaria oprimida, confusa, sem ar, pelo peso da água, pelo tamanho do mar.

Mas não.

A onda passou, quebrou no paredão, numa explosão de água, areia, rocha e espuma. Ela continuou onde estava, em pé, e sequer molhou os cabelos.



# O pássaro na árvore

NELSON ALOYSIO

Me canta a sua tristeza  
Da vida que ele vive  
Com só uma certeza  
Eu ouço nos seus cantos  
Da morte, a esperança  
De enfim uma liberdade  
Que o seu vôo não alcança





# Pra fazer ninho

## JOÃO CHAGAS

Putá solão lá fora. Os Passarinhos realmente cantavam; e dessa vez, só para rir da minha cara errando os tiros de fuzil para explodir em penas e tripinhas. Ainda era cedo demais para se levantar da noite passada, mas deixei de reconhecer o sofá onde tava dormindo. Queria te dizer que foi uma noite louca com uísque e mulheres e que era a primeira vez que eu encostava naquele sofá. Bem, eu estou com muito menos glamour esses dias. Passa alguma coisa atravessando a rua e eu vou lembrar do Léo Jaime cantando Sônia com o sorrisinho escuro dele. Vou ficar com isso na cabeça agora, que merda. Não é tão mal, mas eu era do tipo de clichê que falaria de Thelonius ou Chet Baker nessa cena. É por você que eu me perturbo, Sônia. E ainda fui me colar a versão censurada, eu tenho que acertar esses passarinhos ou vão acabar cagando em mim, pelo jeito que as coisas estão indo.


Mesmo assim eu fico com o ar de superior de dentro do casaco grande e quente demais. Vou passando pelas pessoas que passam suas histórias sorrindo, é sábado sete e pouco da manhã, porque alguém estaria na rua e não sorrindo? Esse é um bairro legal, eu devia vir pra cá logo, arrumo um lugar pequeno e enrolo um aluguel ou outro, ao invés de pegar um carro lotado agora, se parar. Chego perto da esquina e vejo um ônibus passando, certo de que é o meu. Dobro, ainda tenho umas duas quadras para andar, reto. Se eu tivesse quebrado na rua anterior andaria a mesma coisa, mas não ia ficar com essa pontada de ansiedade aqui, vai passar outro ônibus, bem vazio, tipo um

motorista que saiu atrasado ou adiantado e o outro foi pegando todos os pontos cheios. Só que eu ainda estou chegando no ponto, vou perder essa boca, quer ver?

Ninguém no ponto. Aquele que passou era meu ônibus mesmo, sempre tem um monte de gente pra subir. Vou encostar aqui com a japona e parecer um mendigo, ou alguém que entende de jazz, ou um meio bêbado com problemas da noite passada; mas vou parecer legal. É, eu achava isso mesmo. Não, cê não pode rir disso, todo mundo encena alguma coisinha se achando muito bom personagem de alguma coisa alguma hora. O negócio é que a graça acabou há algum tempo, e eu ainda me acho legal de ser o meio bêbado apoiado na placa da parada de ônibus.

Chegou um. E parou. Como sempre, um monte de gente se apertando na primeira porta e mais pra trás eu até acho cadeira vazia. Acenei pro cara com uma menina no colo, ele veio se sentar e eu nem precisei ceder o lugar. Esperava que ele não fosse agradecer e engatar um papo sobre qualquer coisa ou bons modos na cidade. Valeu.

Putá vontade de molhar pão com manteiga no café com leite. Devia sentar na padaria mesmo e deixar eles lavarem a louça depois. Dei uma volta a mais para achar o lugar, que sempre muda de rua quando eu procuro, e tinha um desses pais de família com o direito adquirido de ir ler jornal em público com um short, chinelo e mais nada além



da enorme barriga, o orgulho da exposição e as cicatrizes de vida trabalhadora de classe média-alta. Melhor comprar o pão e ir pra casa. Preciso de leite também. Bom dias e obrigados quando eu queria dizer “que tem de bom” e “de nada”. Ainda tem passarinho e Léo Jaime cantando em alguma árvore e meu olhar calibre 44 não faz tripas. Aqui eu paro e rio porque poderia ter dito olhar 43. A mulher na rua achou que sorri pra ela e fez cara feia.

Outra rua pra atravessar e eu vou andando numa diagonal bem lenta que eu finjo que é para aproveitar o espaço e não para ver se um carro entra desembestado numa rua qualquer e me tira a opção logo do café com pão. Ou tira as músicas da cabeça. Na rua seguinte vejo uma pickup daquelas vindo longe. Eu estou no meio da rua e sinto palpitar na minha mão livre, que levo ao lado da coxa como que para sacar minha arma pro duelo; esperadamente disparo com o fuzil mais uma vez, deixando a bicha embasbacada com tamanha sagacidade, ainda que o tiro tenha passado de raspão, 4x4 entra na próxima a esquerda, fugindo da disputa chifre a chifre que eu travaria em seguida. Às vezes acho que se eu entrasse numa avenida enorme e bem movimentada só para me matar atropelado, causaria acidentes e frenadas gostosas de ouvir, três mortos e muitos feridos, e sairia ileso, menos na moral.

Posso subir e me jogar do prédio também, se a coisa toda é suicídio, com sorte caio em cima da árvore com os passarinhos assôniando. Acontece que se matar tem que ter graça e cair é legal, mas morrer subindo sempre me pareceu mais interessante. Bate um carro a mil bem acima da minha patela e eu sou arremessado quase duas quadras, rodopiando numa parábola que dá até para cair no vestibular do ano que vem, decido morrer bem no vértice e se tiver força para fazer uma pose

acho que seria o superman bem nessa hora. A água sempre ferve sem eu reparar e alguém disse que é para tirar pro café antes disso. Dessa vez ela nem tá fervendo, tá no ponto certo, desligo o fogo e olho pra dentro. Volto e deixo ferver, meu café sempre saiu bom.

Quase não tem manteiga, se chegasse aqui e tivesse nada ia ser um saco. Leite desnatado, nem reparei, mas deve de ser melhor. Cheiro de café que vai lembrar os problemas das mulheres de ontem, quase como se nem fosse sábado mais. Tive várias idéias no caminho de casa. Fico pensando que os anos a mais que eu tenho não têm me servido de muita coisa porque eu esqueci de crescer, devia fazer um personagem assim. Vou levar o café pro quarto, colocar Chet Baker e dançar o Léo Jaime finalmente, e vou escrever. Porra, o pão e o café acabaram e eu nem molhei um no outro. Quase não dá pra ver a tela por causa da janela aqui do lado.

Putá solão lá fora.



The background of the page is a cosmic scene. At the top, a bright blue arc of a planet's horizon curves across the frame. Below it, the rings of a planet, likely Saturn, are visible, glowing with a greenish-blue light. The rest of the background is a deep black space filled with numerous small, distant stars and a few larger, more prominent stars with diffraction spikes.

# GUILHERME REBÊLO

Estourou  
minha bolha de sutis deslizes.

Crisântemos ao meu redor.

# Branca

## RAYSA CALEGARI

Respirar já incomodava. A dor de facção aguda concentrada bem abaixo das costelas fazia-o se curvar mais a cada inspiração estreita. Sentado sobre os calcanhares já não sentia mais as pernas. Joelhos nus cravados no chão de concreto esverdeado salpicado com areia lhe rendiam calafrios arrepiando-lhe a espinha ajudando a comprimir ainda mais a bexiga cheia.

Sua nuca ardia. O sol parecia estar mais próximo do que deveria deixando-o à beira de uma vertigem. Volta e meia uma caridosa brisa nordeste chegava, abençoada, e revolvía a copa frondosa de uma amoreira próxima. Por alguns segundos as folhas largas ficavam entre seu rosto e o sol fazendo-o relaxar em alívio, porém jamais durava além do que alguns instantes. Assim que enfraquecida a brisa o sol voltava e ele suave. Fosse de manhã diria que era orvalho em sua testa, duvidava quem não acreditasse.

As medidas de tempo já haviam sido perdidas, a única coisa que calculava era a oscilação entre impaciência e euforia de pensar que a qualquer momento seria finda a tortura da imobilidade.

Seu coração deu uma cambalhota. Estudou aquele momento desde quando a viu pela primeira vez e, em fim, estava acontecendo.

Lá estava ela, branca, como nada havia naquelas redondezas. Movimentos curtos e delicados, uma lady. Tinha medo que ela o visse e flagrasse sua obsessão, mas, por sorte, estava alheia à qualquer interferência. Caminhava com ritmo pelo jardim,

parando em intervalos regulares concentrada em sua atividade com um olhar distraído e abobalhado. O peito farto e a postura galante construíam uma pompa que o hipnotizava. Destacava-se entre as demais como uma rainha, um obelisco de pureza.

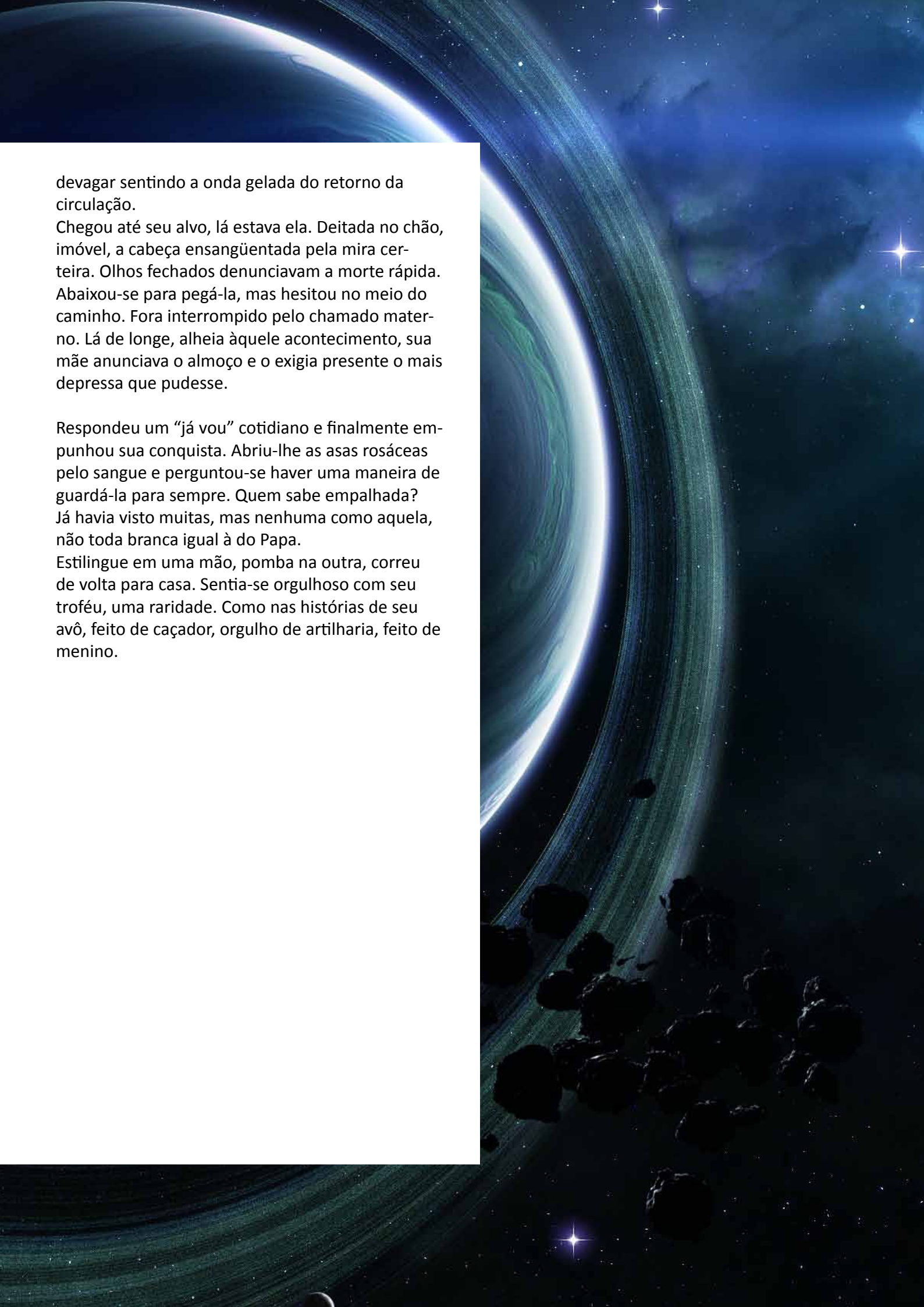
A partir daquele momento tudo teria que ser muito rápido, outra chance como aquela demoraria uma eternidade.

Sua respiração estava ofegante, mas a concentração era tamanha que era mestre de seu corpo ainda que dolorido pela vigília extenuante. Com movimentos de gatuno aproximou-se até o limite da invisibilidade. Tateou o chão à sua volta, achou o pequeno retalho de couro gasto que procurava. Endireitou a postura. Os braços estavam fracos pela fome, mas não havia tempo para se preocupar com pormenores.

Couro numa mão, madeira na outra. A distância era favorável e, sempre parceira, a brisa havia desaparecido na hora H. Seria perfeito. Fechou o olho esquerdo, trouxe o braço para trás até o limite, podia ouvir estalos por conta da pressão que sua força fazia sobre a borracha. E então soltou.

A pedra cortou o ar e quase no mesmo instante ouviu o baque surdo do alvo atingido. Os pássaros em volta fugiram simultâneos em um vôo de urgência.

Levantou-se com pressa. Deu vários passos tortos para frente antes de cair no chão. As pernas dormentes estavam sem forças e, ao correr, perdeu o equilíbrio. Ergueu-se novamente e caminhou



devagar sentindo a onda gelada do retorno da circulação.

Chegou até seu alvo, lá estava ela. Deitada no chão, imóvel, a cabeça ensangüentada pela mira certa. Olhos fechados denunciavam a morte rápida. Abaixou-se para pegá-la, mas hesitou no meio do caminho. Fora interrompido pelo chamado materno. Lá de longe, alheia àquele acontecimento, sua mãe anunciava o almoço e o exigia presente o mais depressa que pudesse.

Respondeu um “já vou” cotidiano e finalmente empunhou sua conquista. Abriu-lhe as asas rosáceas pelo sangue e perguntou-se haver uma maneira de guardá-la para sempre. Quem sabe empalhada? Já havia visto muitas, mas nenhuma como aquela, não toda branca igual à do Papa.

Estilingue em uma mão, pomba na outra, correu de volta para casa. Sentia-se orgulhoso com seu troféu, uma raridade. Como nas histórias de seu avô, feito de caçador, orgulho de artilharia, feito de menino.





# DOSSIER

CURADORIA DE MARCEL MARTINUZZO

TEMA: MORTE



ILUSTRAÇÕES POR JESS MELO E THIAGO ARRUDA

# MARIA ANTONIETA TATAGIBA

★ 1895 - † 1928

## MORRER MOÇA...

“OS AMADOS DOS DEUSES MORREM NOVOS”  
BYRON

Que bom morrer quando se é moça e amada!  
Indiferente, forte,  
Triunfar de quimeras enganosas,  
E ir dormir entre rosas,  
Frias rosas na face macerada,  
O alvo Sonho da Morte!

Morrer quando se é moça é dita imensa  
Às eleitas cabida...  
A ventura é perfume que se evola  
E quase não consola...  
Tão ligeira, tão leve, não compensa  
Os espinhos da vida.

Morrer moça é morrer quando se deve!  
É ver no último arranco  
Da alma que foge, um lindo sol de estio.  
E, bem longe, o sombrio  
Espectro da velhice – a triste neve  
Sobre o cabelo branco!

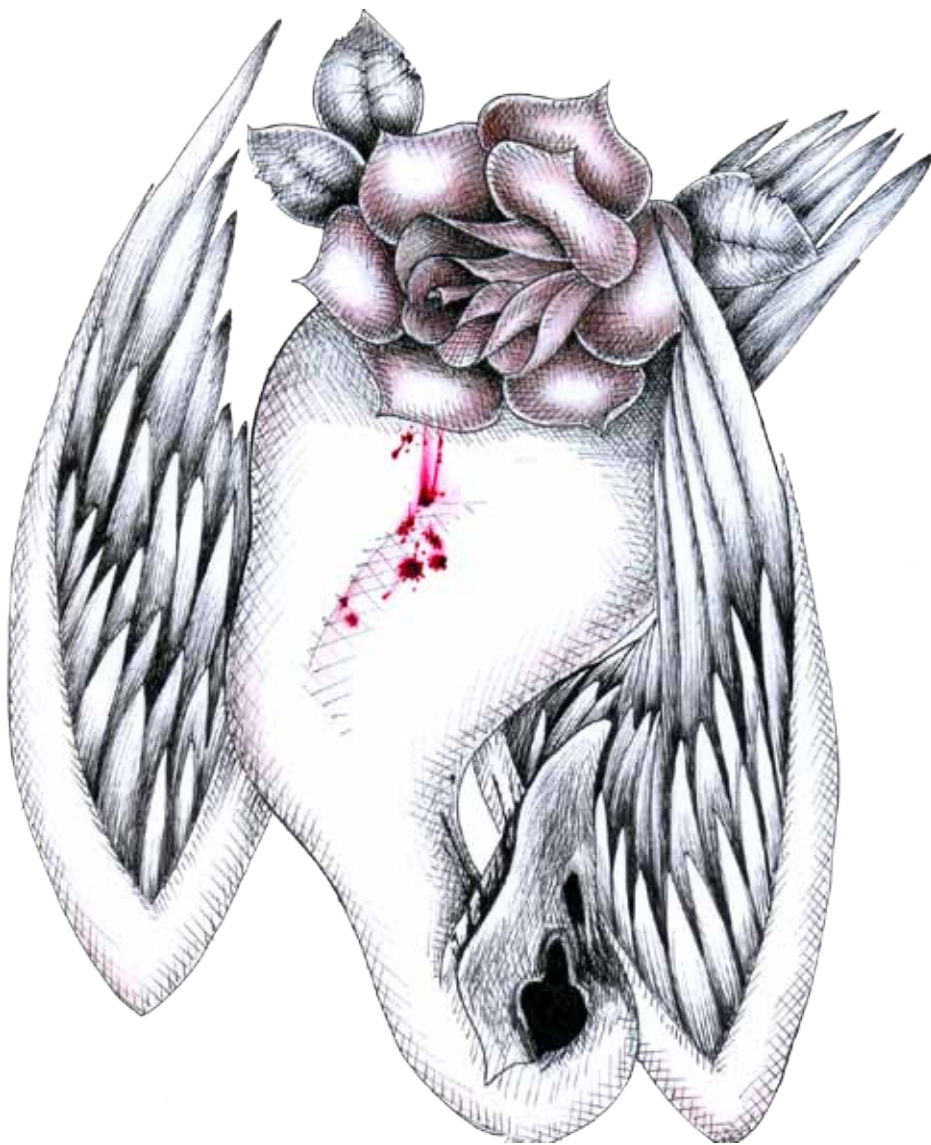
Morrer moça... É assim que vou morrer!...  
E a boca quem fremente,  
Beijaste em horas de Paixão e Sonho,  
Num túmulo tristonho  
Breve irá ocultar no florescer  
Do verão mais fulgente!



ILUSTRAÇÕES: JESS MELO

# GEIR CAMPOS

★ 1924 - † 1999



## CISNE

Pluma e silêncio, vinha pela vida  
aceita com resignação, conquanto  
talvez em hora alguma pretendida.  
Pressente no ar o aviso da partida  
- urge tentar o eterno: um voo, um canto,  
um gesto nunca ousado, alguma prece...  
Canta, e se vai. O canto permanece.

**MARLY DE OLIVEIRA**

★ 1935 - † 2007



# QUANDO UM DIA ESTIVER MORTA

Quando um dia estiver morta  
e sobre mim caírem os adjetivos mais ternos,  
não vou mover um dedo  
de dentro do meu silêncio:  
vou desdenhar do eterno  
o que sempre chegou tarde,  
demais, quando já nem era preciso.



# MIGUEL MARVILLA

★ 1959 - † 2009



# O PRIMEIRO MOMENTO DE DEPOIS

Não saltarei jamais o purgatório  
nem fugirei à Lei universal.  
Não há como escapar, se o Deus é cósmico  
e eu, parte do todo, bem e mal.  
Enfrentarei em mim o que, na sombra,  
sombras engendra de igual textura:  
o ser meu inimigo, que me ronda,  
à espreita só de que eu durma.

Agora, entanto, o tepoé de ser outro:  
a hora fabulosa do princípio  
da dissensão de nós dois,  
o primeiro momento de depois,  
quando de mim mesmo acordo,  
me decifro e me devoro.

# WALDO MOTTA

★ 1959

## MORS ULTIMA RATIO

e não há razões para babaquices  
metafísicas em cabeça a prêmio.  
antes que se consuma a sentença  
que se consuma a vida.  
e que a morte seja humilde faxineira  
a recolher somente a sucata,  
o bagaço do que fomos, só os restos  
da festa que se fez da vida inteira.





# CAÊ GUIMARÃES

★ 1970



## CIRCUITO VALVULADO

A morte é desinfetante.  
Desintegra o sistema pré-aquecido  
de válvulas e paradigmas  
que nos mantêm em pé.

Na língua - calos.

Nos sapatos - dedos.

Nas orelhas - acústica.

Na face - cabelos.

Nas entrelinhas - confusão.

Tragos e dramas do cotidiano  
ferem e sustentam a resistência  
que desmedimos para seguir em frente.

É preciso tomar longos banhos  
antes que a fonte acabe.

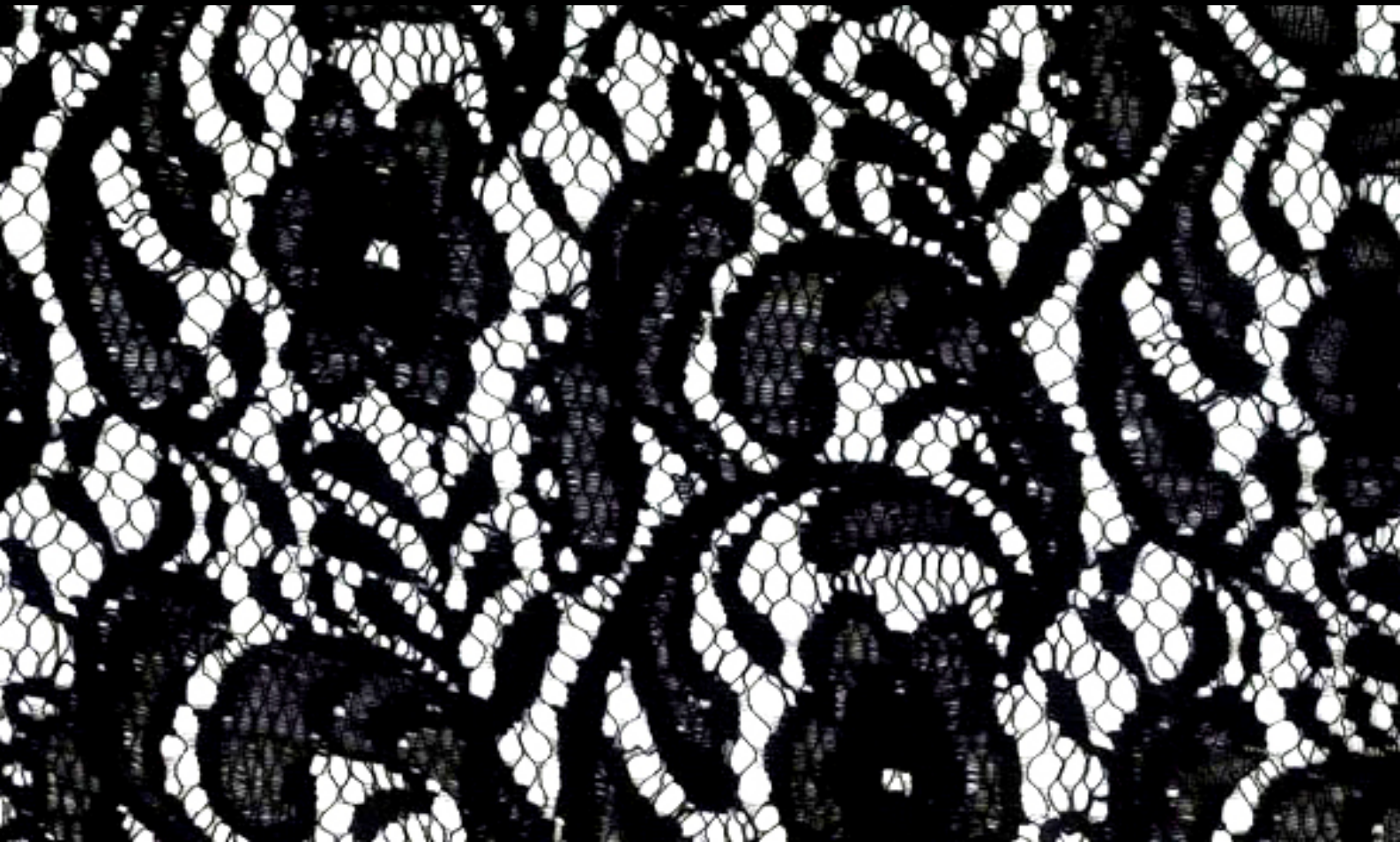
O filamento está por um fio,  
é hora de tomar outra decisão.  
Válvulas comprometem a pureza digital.  
Mas esbanjam analogia e convicção.

ILUSTRAÇÃO: THIAGO ARRUDA



**DOUGLAS SALOMÃO**

★ 1975



trepo com as palavras  
em nome da poesia.

quero comer o cu da palavra morte.

# GABRIEL MENOTTI

★ 1983

## METRONOMO ATOMICO

shiva silva e sibila  
montado no dorso  
de um grande elefante

pisoteando o poente  
com as patas potentes  
e a tromba possante

mas kali é clemente  
e protege seus filhos  
da fúria do amante

e sacrifica seu corpo  
ao sonho mais louco  
do deus flamejante:

Tanto dança de alegria, o corpo todo rodopia,  
o cabelo rasga o céu, com os pés reparte o dia;

que os homens padecem, gritando e gemendo  
até que tudo (no mundo) se explode em silêncio.



# MORTE ESCRITA

morri ontem  
com a glória  
que esperava  
cansada e sonolenta

o instante que me atravessa  
agora  
como um estilete  
me deixou inteiro do lado de fora

congelado bom senso que  
pariu dores de minha vida  
minha morte  
gritos  
rebuliços de prosas  
dos cadernos brancos

as mortes temem túmulos fechados  
e lágrimas verdadeiras  
morro por enterrar tanta vida  
que morre em mim

**FERNANDA TATAGIBA**

★ 1984

# ALINE TRAVAGLIA

★ 1987

Se não rio  
não é culpa do palhaço.  
Se não aplaudo  
não foi o caubói que errou o laço.

Não!

Tudo tem sido deito muito certo.

Mas as coisas andam difíceis é por aqui.

Tenho andado muito comigo  
e a custo  
outro dia levei um susto.  
Talvez seja eu equilibrista,  
haja vista  
O medo que tenho tido.  
Se não rio  
não é culpa do palhaço.  
Eu é que estou sem graça,  
estou sem sentido,  
sem viço,  
estou a serviço  
de um desaforo,  
vou poupando meu choro  
pra dizer que sou forte e rir  
da grande piada da vida  
que é a morte.

O CIRCO

# OS INESQUECÍVEIS

“MORRER É NÃO PRECISAR  
DE MAIS NINGUÉM”  
ANTÔNIO MARIA







Olha, meu Félio, se há uma pessoa que não deseja “ir”, que não deseja ir de jeito nenhum, sou eu.

Serei capaz de me grudar no pé da mesa, na mão do homem amado, nas mãos de todos os amigos, no momento de uma flor... Me agarrarei a qualquer coisa que me possa prender à vida, desde que, desta forma, eu tenha a certeza de que não vou. Sou capaz de me segurar às pessoas e aos objetos de tal jeito que, se for, certamente levarei um pedaço.

A verdade é que não quero ir.

Por mais que venham me dizer que a morte oferece algumas vantagens – morrer é ficar independente, ser livre, não precisar de mais nada nem de mais ninguém – eu prefiro continuar sem estas vantagens. O importante é saber que estou viva, o resto é bobagem.

Não me interessa esta forma definitiva de auto-suficiência que vem a ser a morte. Para mim, ela não passa de uma solteirona feia e ranzinza, que sempre está precisando se reafirmar.

Que se reafirme, pois. Mas não às minhas custas.

Bem ou mal, todas as pessoas vivas têm, infalivelmente, o seu amanhã. É neste amanhã que os mortos são sempre esquecidos.

Não pretendo estar entre os mortos tão cedo. Preciso viver, para que se lembrem de mim. Não existe palavra mais inútil no nosso vocabulário do que esta: inesquecível.

Nada é inesquecível. Ninguém é inesquecível. Da mesma forma, não passa de u’a mentira esta história de “eterna gratidão”. Alguém, muito mais inteligente do que eu, já escreveu uma vez que a gratidão não é eterna. Se fosse, seria um encargo. O sentimento de gratidão, tal qual o amor, só consegue ser

**CARMELIA M**

★ 1936

\*crônica escrita em

eterno enquanto dura – já dizia o poeta de nome Vinícius de Moraes.

Todavia, que seja tudo como Deus quiser.

Enquanto não vou, encho diariamente o meu coração de uma porção de ave-marias. E canto. E amo. E choro. E dou perdão que não me pedem, em troca do ódio que não mereço. Viver é continuar...

Eu continuo e ao mesmo tempo me deixo ficar, ao sabor deste viver de tanto amar, deste viver de estar aqui, ao sopro do vento destas tardes de janeiro, que varrem a minh'alma esbagaçada, coberta por pedaços de dor e de saudades.

Posso garantir ainda que estou preparada, espiritualmente, para o que der e vier. Mas que não seja agora, por favor. Por mais limpos que estejam os meus olhos, por mais sem pecados que esteja o meu coração. Que não seja agora, é tudo quanto pretendo e peço.

E quando chegar a minha hora, não me chamem de inesquecível.

É como se fosse uma última vontade de alguém que em vida tanto precisou e pediu pra ser lembrada. E que, mesmo assim, há de morrer com a triste consciência de que tantas vezes esteve esquecida.

No momento que se seguir ao meu silêncio, por favor, não me chamem, jamais, de inesquecível.

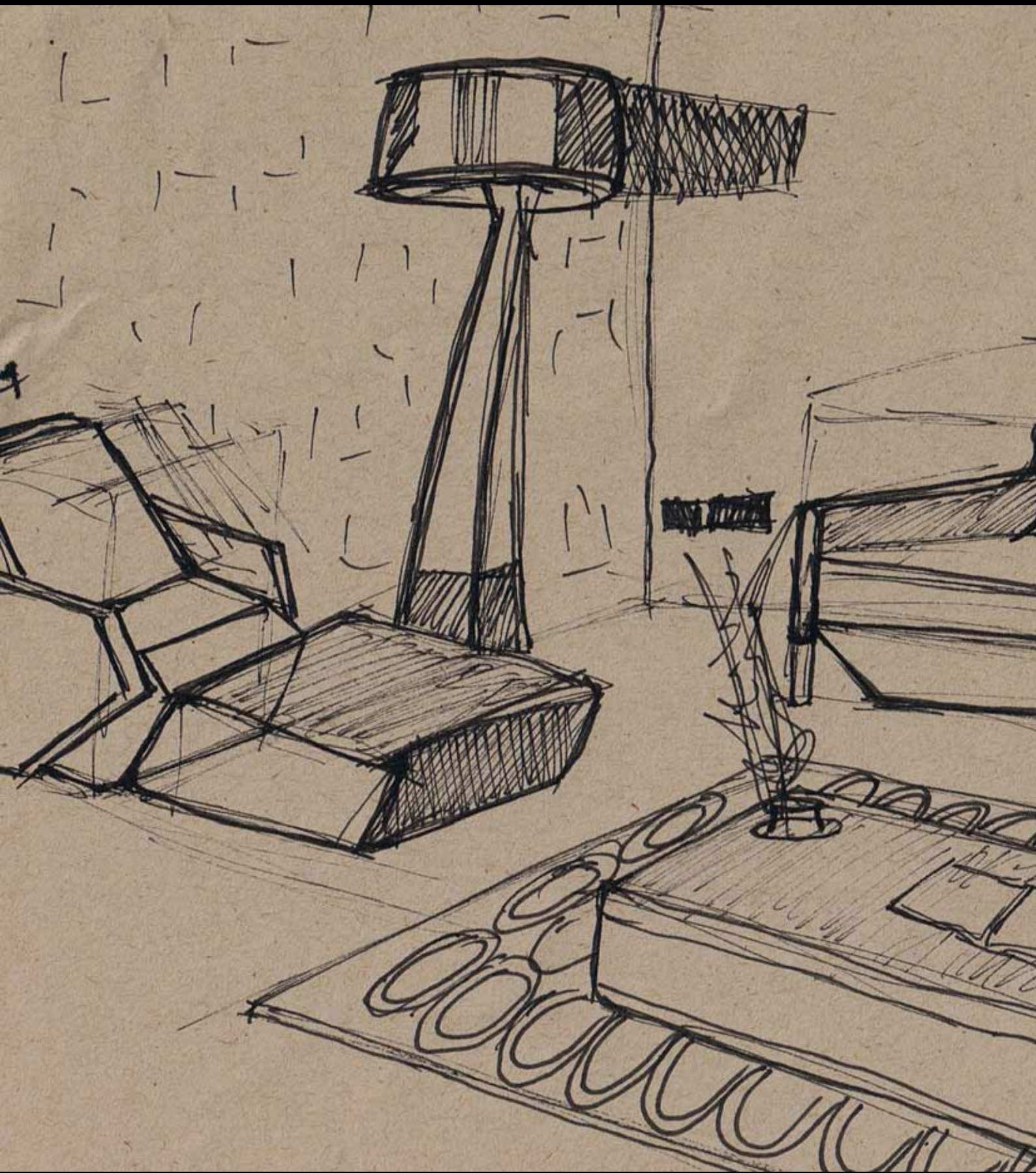
A lembrança do meu rosto e do meu nome deverá ter apenas a duração do pranto dos amigos e ser menor do que o instante em que permanecerem vivas as rosas sobre mim.

Os que me amaram e eu amei em vida são seres humanos, são Homens. Não têm memória, portanto.

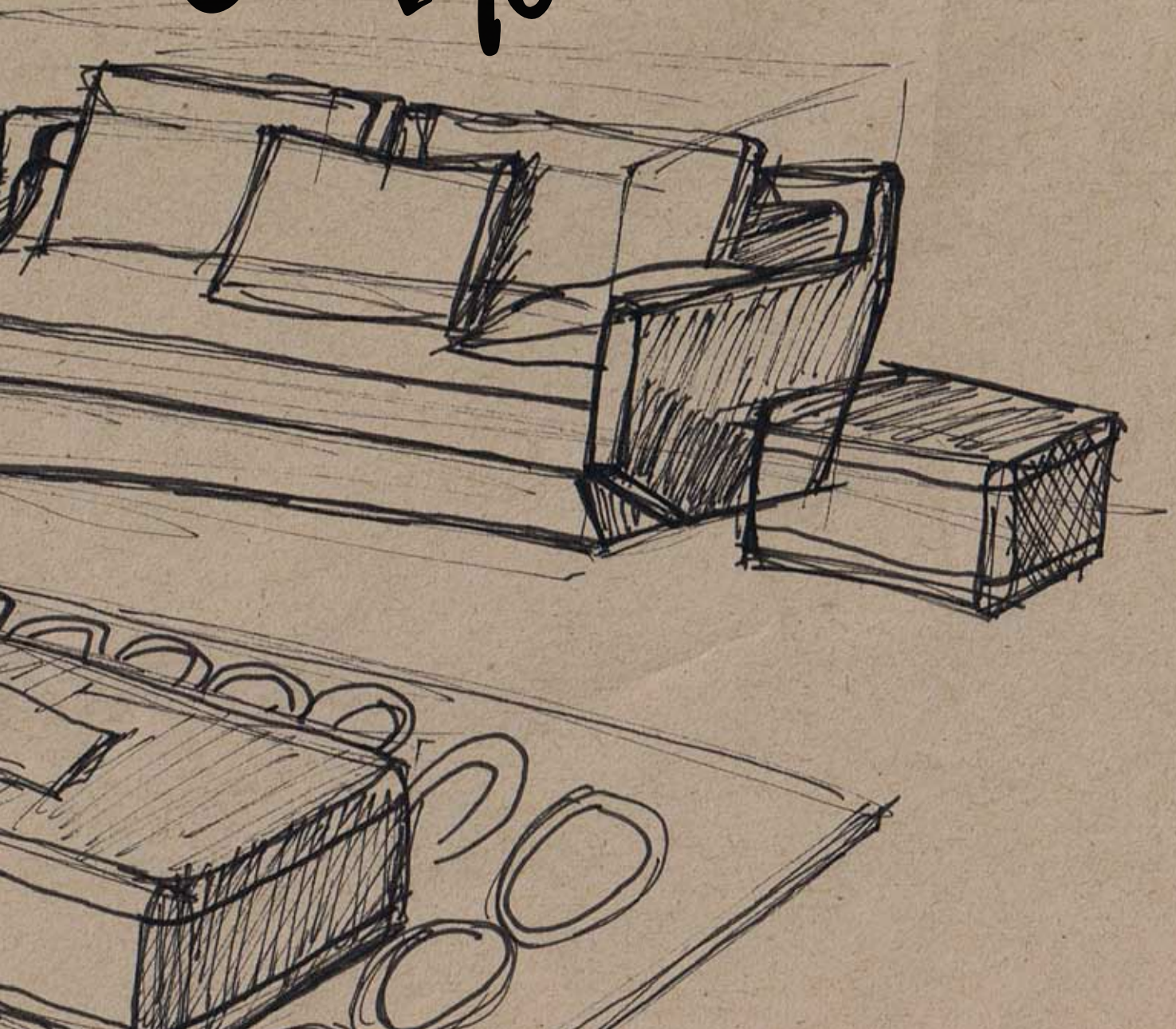
**M. DE SOUZA**

- † 1974

fevereiro de 1968



# Casa Namada



# Prognóstico

Tatiana Brioschi

Em abril ela iria morrer  
nem setembro nem março  
disso ela tinha certeza  
e em seus delírios arianos  
dura lex das bizarrices  
preparava papéis pendentes  
post its postos em pontos estratégicos  
esmero barroco em etiquetas  
e instruções parnasianas  
pastas abertas  
folheada conta corrente  
e em despedidas insistentes  
desapegava-se de bichos  
endereços  
adereços  
e gentes  
revisava sua casa parca  
o carnet funerário  
os cadernos na caixa  
o claviculário  
seu olhar descia a ladeira  
desaguava-lhe o estômago  
o dia chegara  
sem suplências nem substituições  
sem pausa, sem misericórdia  
incontrolada superstição  
mapa astral já destrinchado  
por fatalítica trajetória  
tiragem limitada  
de triste fascículo  
em primeiro de abril  
a alvorada já seria seu crepúsculo  
obituário já feito e posto à leitura  
só restava aguardar o fatídico  
e ampu  
lhe  
tamente  
ia-se abril

com maio em seu encaço  
sempre confuso  
um esquimó na Extremadura  
um veículo na ciclovia  
pois nada acontecia  
aos poucos vida voltava  
até o próximo mês quatro  
e nos caminhos estelares  
supernovas e buracos negros  
rastros da via láctea  
na constelação de capricórnio  
ela simplesmente  
se foi  
sem tempo para preparativos  
nem avisos derradeiros  
na surpresa do não agendável  
não prognosticável  
do incompreensível.

*Tatiana Brioschi, poeta e contista, é capixaba de coração e escreve desde os 10 anos. É formada em comunicação pela Ufes e representou o Brasil em Tóquio no concurso cultural Miss e Mister Universitários Internacional, ganhando o concurso. Recolheu nos vários países que visitou material para seus escritos. Participou do livro da Secult "Edital de Contos", lançou o livro "Vila Velha Mundo" (contos) e "Se os desse a você - poemas" (virtual). Participou também de antologias poéticas e lançou dois cursos de contos pela internet. Tem incursões em várias áreas como o teatro, cinema e dança.*

# *Seu texto Aqui*

Se você quer participar da sessão *Casa Tomada*  
envie seu(s) texto(s) junto de uma  
breve biografia sua para

**contato.graciano@gmail.com**

Os textos serão discutidos  
nas nossas reuniões e poderão  
entrar para a

*graciano.*

Dúvidas?

Críticas?

Sugestões?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano? Envie seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

**[contato.graciano@gmail.com](mailto:contato.graciano@gmail.com)**

Ou acesse nosso blog:

**[revistagraciano.wordpress.com](http://revistagraciano.wordpress.com)**

Os cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!





## **Colaboraram com esta edição:**

**Brunella Brunello  
Erly Vieira Jr.  
Gian Luca  
Guilherme Rebêlo  
Isabella Mariano  
Jess Melo  
João Chagas  
Leandro Reis  
Leticia Comério  
Livia Corbellari  
Lorraine Paixão  
Lucas Pinhel  
Manoela Albuquerque  
Marcel Martinuzzo  
Nelson Aloysio  
Raysa Calegari  
Sidney Spacini  
Tatiana Brioschi  
Thiago Arruda**



Quando os cronópios cantam suas canções preferidas, ficam de tal maneira entusiasmados que frequentemente se deixam atropelar por caminhões e ciclistas, caem da janela e perdem o que tinham nos bolsos e até a conta dos dias.